



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Márcio André da Silva Laranjeira

FESTIVAL TREMOR 2021

UMA EXPERIÊNCIA MUSICAL NO CENTRO DO
ATLÂNTICO

Trabalho de Projeto do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor Paulo
Estudante, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

FESTIVAL TREMOR 2021

UMA EXPERIÊNCIA MUSICAL NO CENTRO DO ATLÂNTICO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto/Projeto
Título	Festival Tremor 2021
Subtítulo	Uma experiência musical no centro do Atlântico
Autor/a	Márcio André da Silva Laranjeira
Orientador/a(s)	Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Júri	Presidente: Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco Vogais: 1. Doutor Fernando Matos de Oliveira 2. Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Área científica	Artes do Espetáculo
Especialidade/Ramo	Estudos Musicais
Data da defesa	02-12-2020
Classificação	17 valores



Agradecimentos

O presente projeto de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas. Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Estudante, por toda a paciência e empenho com que sempre me orientou neste trabalho.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado em Estudos Artísticos, à minha companheira, família, amigos e colegas de trabalho.

RESUMO

O presente trabalho pretende propor uma edição de um festival de música na Ilha de São Miguel nos Açores. O objetivo é traduzir de uma forma clara as diretrizes para a conceptualização, aplicação e realização de um evento de tal tipologia numa comunidade tão única. Apesar de quando da idealização deste projecto este cenário não estar em mente, é também um documento que traduz o impacto da pandemia COVID 19 na indústria cultural e de entretenimento.

Palavras chave: música, festivais, serviço educativo, cultura, açores.

ABSTRACT

This paper aims to propose a music festival edition to take place in the island of São Miguel in the Azores archipelago. The main goal is to write down clearly the conceptualization process, application and production of such event in an unique landscape and community. Unforeseen at the beginning, the impact of the Covid 19 pandemic in the cultural and entertainment industry became fatally part of this project.

Key words: music, festivals, education through music, azores.

ÍNDICE

Motivação	p.1
PARTE I Sobre o espaço do Tremor	
1. Introdução	p.2
1.1 Recortes de Imprensa: Tremor 2014 - 2019	p.6
2. Estado da Arte	p.8
PARTE II Projecto para um Tremor 2021	
3. Descrição	p.11
3.1 Programa Tremor #7 -2021	p.12
PILAR 1: APRESENTAÇÃO & ACOLHIMENTO	
PILAR 2: CRIAÇÃO ARTÍSTICA	
PILAR 3: PENSAMENTO, NOVOS PÚBLICOS E A CIDADE	
3.2 Público Alvo	p.19
3.3 Objetivos para o Tremor 2021	p.20
4 Serviço Educativo.....	p.21
5 Execução	
5.1 Produção	p.25
5.2 Identidade gráfica	p.31
5.3 Comunicação	p.32
5.4 Cronograma Atividades	p.34
6 Conclusão	p.36
Bibliografia	p.38
ANEXOS	
Documentação gráfica do Tremor	
Propostas gráficas para Tremor 2021	
Planos logísticos e financeiros	

Motivação

No decorrer do Mestrado em Estudos Artísticos tenho adquirido e aprofundado ferramentas que muito me têm auxiliado no que já é a minha prática profissional desde 2009: a programação e a produção de espetáculos e festivais de música. Sendo profissional da área, carregava na minha prática uma série de métodos e ações mecanizadas pelos anos, graças a uma equipa estável e ao crescimento no mercado da empresa onde desenvolvo a minha profissão, a Lovers & Lollypops. Assim sendo, aquando da minha inscrição no Mestrado surge a possibilidade, pelas ferramentas que me foram colocadas à disposição, docentes e convivência com colegas, muitos deles com o objetivo de desenvolverem trabalho numa área onde já atuo, de sair um pouco da “bolha” da prática onde me inseri e questionar a ação das minhas atividades profissionais. Através dessa perspectiva distanciada e teorizada propus-me a repensar as minhas práticas, moldando e justificando ações e propostas não só pelo instinto e mercado, mas suportadas também por pesquisa e bibliografia. Assim fui introduzindo no meu dia a dia uma nova metodologia onde procurei defender de outra forma as minhas propostas perante os meus pares e clientes, assumindo uma postura de retórica e negociação notoriamente distinta.

Assim, pareceu-me adequado, como projecto de conclusão deste Mestrado, aplicar a um dos eventos que produzo, o Tremor, construindo um projecto artístico onde aplicaria uma série de ideias e metodologias que me foram apresentadas no decorrer deste momento de formação. Proponho então aqui explicar os momentos de concepção e defesa deste projecto. Sendo o Tremor um evento com história, que reflete uma prática e evolução naturais de projectos em andamento, procurarei explicar o que foi conseguido, qual o impacto direto e indireto do que foi apresentado e que preocupações e resoluções surgiram para a edição de 2021.

PARTE I | Sobre o espaço do Tremor

1. INTRODUÇÃO

Os “Festivais de música são eventos de carácter plurianual, cujo programa é essencialmente integrado por concertos e recitais, realizados em diversos recintos” (Marinho 1999). Estes eventos, tendo em conta o seu *ADN* e contexto, podem ser apenas uma proposta comercial para o mercado de consumo de música ao vivo ou uma ferramenta que permite a experimentação num ambiente controlado, onde se podem ver de perto as alterações que vão acontecendo na comunidade onde estes acontecem. É por este último caminho que o Tremor tem escrito a sua história.

“Tremor surge em 2014 com o propósito de abalar a cultura açoriana, com implicações aos níveis nacional e internacional. Com uma programação cuidada, arriscada e contemporânea, procura-se renovar o tecido artístico local, assim como colocar São Miguel no roteiro de difusão de novos artistas e das suas novas expressões, e incentivar à produção cultural e interdisciplinar em toda a região” (Sousa, André Belchior, 2017). Este evento surge pela vontade de quatro pessoas em fazer um festival de música naquela coordenada geográfica. Desta equipa de quatro pessoas na qual me incluo, apenas uma delas é residente permanente no arquipélago, sendo outra natural de São Miguel mas não residente, e as restantes duas sem ligação familiar e permanente às ilhas, apenas com uma conexão provocada pelo deslumbre e desconhecimento desse território.

Apesar de ainda não ter passado uma década da data de início deste projecto, em 2014 a realidade açoriana era bem distinta da que hoje vivenciamos. É então importante contextualizar que Açores eram estes em 2014. Até esta data todo o arquipélago não possuía o mercado turístico e interesses nacional e internacional que acarreta no presente. Em 2014 São Miguel, apesar da imensa beleza natural e recursos, era predominantemente um lugar de extremos contrastes sócio-económicos, com uma população desiludida e habituada a ser lembrada na imprensa e pelo resto da população portuguesa principalmente devido a desastres económicos ou naturais, pelo isolamento, sotaque e quase sempre num tom negativo ou jocoso. Era também uma época onde, devido ao monopólio da oferta de companhias aéreas a voar para o arquipélago, era extremamente difícil e caro entrar e, principalmente, sair das ilhas. Muita da população, principalmente das classes baixa e média, nunca tinha saído da ilha onde nasceu, pois os custos agregados a viajar eram insuportáveis para o rendimento que conseguiam obter. Ao mesmo tempo, o turismo não tinha encontrado o ângulo de comunicação certo, aliado aos preços das viagens que levavam a que apenas o turista mais aventureiro e economicamente capacitado fosse capaz de visitar as ilhas, contudo sem um impacto que fosse palpável para a maioria da população.

Foi neste contexto sócio-económico que se decidiu criar o primeiro Tremor. Esta vontade surgiu da falta de vivacidade, circulação e espaços de apresentação para músicos na ilha de São Miguel. Além de três espaços de programação - o Teatro Micaelense, com um programa institucionalizado e o Arco 8 a par da Academia das Artes, com propostas variadas na música, artes plásticas e performativas - havia um grande vazio de propostas e atividade cultural expositiva ou criativa. A falta de oferta era também justificada pela falta de público, sendo aqui criado um ciclo vicioso que limitava o investimento na área cultural.

À data era também bastante difícil que o público aplicasse parte do seu orçamento familiar na compra de bilhetes para espetáculos. O contexto local era de grande dependência dos órgãos públicos como promotores dos espetáculos, acolhendo na maior parte das vezes a opção da gratuidade do que era apresentado. As iniciativas públicas e privadas em que havia lugar à cobrança de bilhete praticavam preços bastante abaixo da média nacional à época. Segundo dados do GEPAC: “Relativamente aos Espetáculos ao Vivo, em 2014 realizaram-se 29 666 sessões com um total de 10,7 milhões de espectadores/as, dos/as quais 4,3 milhões pagaram bilhete, gerando receitas no valor de 70,5 milhões de euros. Face ao ano anterior, os valores registados significaram acréscimos nas sessões promovidas (1%), nos/as espectadores/as (20,8%), nos bilhetes vendidos (13,7%) e nas receitas de bilheteira (17,4%). O preço médio por bilhete registou um aumento de 3,3%, significando que o valor registado no ano anterior (15,9 euros) passou para 16,4 euros no conjunto dos espetáculos realizados em 2014.”. Segundo os dados da mesma instituição: “Por região, destacaram-se a Área Metropolitana de Lisboa e o Norte, que concentraram 70,4% e 19,9% das receitas totais e 34,4% e 35,8% de espectadores/as, respetivamente. No que respeita ao preço médio do bilhete das modalidades de espetáculos consideradas, evidenciaram-se a Área Metropolitana de Lisboa (22 euros), o Alentejo (16,6 euros) e o Norte (10,1 euros) com os preços médios mais elevados.” - a região autónoma dos Açores aparece com o valor mais baixo do país.

Outro dos factores preponderantes era a falta de dinâmica no centro histórico da cidade. Ponta Delgada era considerada uma cidade deserta, onde nada acontecia e onde os habitantes da ilha passavam pouco tempo. Apesar desta falta de vivacidade, Ponta Delgada é uma cidade que possui uma série de equipamentos e infra-estruturas, muitas delas sem direção artística à data, mas que permitiram pensar num formato de um evento de música que ocupasse o centro da cidade, ativando uma série de espaços e criando um roteiro de programação. Esta ligação à cidade é um dos pontos mais importantes da criação do Tremor, muito marcado na primeira edição. Ao longo das edições seguintes o festival manteve a ligação a Ponta Delgada, mas expandiu-se também por outros territórios de São Miguel (como veremos mais à frente).

Tendo em conta todas estas especificidades e comportamentos de consumo cultural, decidimos criar um dia de programação com 20 artistas, distribuídos por 8 espaços, que cobrissem um dia de programação completo. Além da oferta em quantidade, um dos objectivos primordiais da criação deste festival era proporcionar ao seu público uma curadoria que reflectisse diversidade de abordagens e géneros musicais, que funcionasse como um despertar para a descoberta de novos artistas e propostas. Uma das maiores missões do Tremor passou por representar e dar palco aos sub-representados, no sentido em que são artistas com menor capacidade de se apresentarem no circuito comercial, bem como capacitar de condições para que se apresentassem da melhor forma possível, para a maior audiência possível. Este sentimento de descoberta e novidade acabou por ser uma das maiores forças do festival, pois permitiu que este fosse maior do que a soma dos nomes dos artistas que o integravam, dando liberdade programática.

Um dos factores importantes e tidos em conta nessa primeira edição era o preço do bilhete, tendo em conta o contexto descrito acima. Havia a convicção que deveria ser um evento com bilhete pago, pois acreditámos que deveria haver uma troca e valorização do trabalho dos artistas, bem como respeito pelo trabalho apresentado. O evento gratuito é uma atração para (quase sempre) conseguir uma grande quantidade de público, mas como este tipo de oferta (principalmente nos eventos de cariz popular,

como são os festivais de música) a falta de troca entre o espectador e o artista leva a uma atitude do público de pouca atenção ou respeito pelo que lhe é apresentado, principalmente quando são ofertas artísticas que desconhecem. Não é dada a oportunidade ao artista para conquistar o público, pois este, como nada deu para assistir a esta performance, não sente que deverá dar uma oportunidade ao desconhecido. Caso não tenha um primeiro impacto que se relacione com as suas ideias pré-concebidas sobre o que é um espetáculo de música, rapidamente esse público virará costas e mudará o seu foco de atenção para outras ações (muitas vezes em forma de conversa), arruinando a experiência do artista bem como a do público que pretende fruir do concerto.

Tendo então como certeza esta preocupação, escolhemos um preço de bilhete (12€) que, apesar de ser irreal em relação à oferta em quantidade e qualidade, pareceu-nos ser uma boa porta de entrada para que a proposta fosse paga sem alienar um público não tinha o hábito de pagar por cultura.

A primeira edição do Tremor foi um evento de grande risco para a organização, dada a falta de dados acerca do comportamento do público. É certo que sentimos espaço para a proposta que apresentamos, mas à falta de eventos semelhantes não havia à época dados que sustentassem esta aproximação. Apesar desta incerteza, a primeira edição do Tremor traduziu-se num grande sucesso, tendo esgotado a sua lotação (800 bilhetes); o público reagiu à nossa proposta, pois sentiu o mesmo que nós sentimos quando construímos o primeiro Tremor - que há espaço e público que espera este tipo de propostas arriscadas e de descoberta. Este sucesso da primeira edição funcionou também como uma injeção de confiança no projecto, abrindo perspectivas para o futuro e possibilitando pensar em novas e arriscadas formas de programar e interagir com o público, uma maior ocupação da cidade e da ilha, bem como uma abertura a artistas internacionais (na primeira edição apenas foram programados artistas nacionais).

Tal como descrito em cima, uma das principais razões da criação da proposta do Tremor prendeu-se com a dinamização da sua comunidade, sendo o público-alvo primeiramente os residentes em São Miguel. Nessa primeira edição podemos afirmar que 100% do público comprador de bilhete era residente no arquipélago, algo que também se repetiu na segunda edição. A edição de 2016 coincidiu com a abertura do espaço aéreo dos Açores às companhias *low cost*, mudando a realidade da ilha em relação à circulação do público. A partir deste momento, foi possível voar de e para São Miguel por 1/5 dos preços até lá praticados, permitindo um maior trânsito de pessoas, uma abertura da ilha ao turismo (algo que se confirmou) e, no caso do Tremor, uma possibilidade de captar público não residente na ilha; para tal, algumas alterações foram feitas à duração e comunicação do festival, de modo a abrir o interesse não apenas aos residentes, mas a tornar o evento apelativo por fatores extra música, aproximando-se do conceito de *boutique festival*.

Este caminho pareceu-nos o mais acertado: em vez de olharmos para um crescimento do festival, a nível de público ou espaços, escolhemos o caminho de tornar este evento diferente - controlando a sua lotação, proporcionando experiências além de música ao espectador, explorando tanto a programação como a geografia e recursos naturais da ilha; trabalhamos para que o evento funcionasse e comunicasse como uma experiência total, em contraponto a uma soma das partes. Pareceu-nos que esta abordagem seria a melhor tendo em conta o panorama dos festivais em Portugal, onde a quantidade é crescente, não se podendo afirmar o mesmo em relação à variedade. O mercado português está muito saturado e a maioria das propostas são repetições e cópias de outros conceitos; isto reflete-se na escolha dos artistas, na forma com estes são alinhados e programados, o tipo de

locais escolhidos, bem como a comunicação dos próprios eventos. Foi também como resposta a este panorama onde a repetição prima e a diversidade é escassa que o Tremor surgiu. Pela sua localização, programação e comunicação acabou por demarcar das restantes propostas, sendo hoje um evento que consegue captar cerca de 70% de público não residente no Arquipélago dos Açores.

O propósito inicial deste projecto seria a sua aplicação e concretização durante o ano de 2020. Contudo, devido à Pandemia COVID 19, e à proibição, à data de realização do Tremor 2020, de espetáculos em recintos fechados com mais de 1000 pessoas, fomos forçados a cancelar essa edição. Além da legislação aplicada à data, que sofreu bastantes alterações acompanhando a evolução da Pandemia, e acabando por levar ao cancelamento da maioria dos eventos de pequena, média e grande escala em Portugal e no mundo, sentimos também uma responsabilidade, de numa fase ainda inicial de contágio deste vírus, de não criar um ambiente fértil para que este se propagasse. Contudo, há que notar, a lentidão das instituições reguladoras a acompanhar a evolução do vírus e a aplicabilidade das regras aos eventos. Na fase em que decidimos cancelar o festival, em meados de Março de 2020, estabelecemos contactos frequentes com a Direção Geral de Saúde e Direção Regional de Saúde dos Açores, que sempre nos passaram informação bastante vaga acerca da ação que deveríamos tomar, deixando nas nossas mãos a tomada de uma decisão tão difícil, e com tantas implicações económicas para a organização, artistas, técnicos e demais envolvidos no evento. Contudo acreditamos que agimos em conformidade, e apesar do peso que um cancelamento acarreta para uma organização, começamos imediatamente a apontar para 2021 e realizar no próximo ano a melhor edição possível, mantendo parte do programa proposto para 2020.

No processo de adaptação do programa de 2020 para 2021 deparamo-nos com uma série de incertezas em relação ao modelo do evento, aos seus espaços e a sua lotação. Tal como temos aprendido durante este período de pandemia as regras são bastante voláteis, sendo alteradas com bastante facilidade e pouca antecedência. Neste sentido decidimos prevenir e moldar o evento ao que nos parece razoável e passível de realização nesta altura. Iremos então em 2021 realizar o evento com metade da sua capacidade total (750 pessoas, incluindo artistas e *staff*), utilizando apenas as salas de maior capacidade (acima das 750 pessoas) e diminuindo a necessidade de deslocação do público entre salas. Este é o plano à data deste texto, seguindo as normas da DGS para esta tipologia de eventos, sendo que iremos estar atentos à evolução da pandemia, e caso seja realista e seguro aquando das datas do evento voltar ao seu modelo “tradicional” assim o faremos. Contudo parece-nos mais seguro partir deste modelo e poder acrescentar, em vez de ter de passar por um novo processo de cancelamentos, devolução de bilhetes e criação de frustração no público.

1.1 RECORTES DE IMPRENSA: TREMOR 2014 - 2019

"Com o Tremor, o arquipélago entra pelas páginas da imprensa internacional com um dos eventos culturais mais interessantes criados na Europa nos últimos anos. O Tremor é uma iniciativa extraordinária que traz aos Açores artistas e estilos pouco convencionais, que estende o palco aos talentos locais e que dinamiza, de forma ímpar, a cidade de Ponta Delgada. Tem bom espírito, um excelente ambiente e imagens e sons e cheiros que se colam à pele."

In Observador

“Entretanto, passaram cinco edições, e, como é normal, o festival evoluiu muito. Apareceu o Tremor na Estufa, o Tremor todo-o-terreno, e este ano, pela primeira vez, o cartaz estendeu-se por toda a semana, com concertos com data, hora, local e banda revelados com antecedência. O festival saiu de Ponta Delgada, e deu não só um salto ao concelho da Ribeira Grande, mas meteu-se mesmo dentro de um avião para atravessar o Atlântico e espalhar música em Santa Maria. Será possível continuar a inovar?”

In Açoriano Oriental

"O engenho na criação de experiências em que a fruição musical se une à vivência da natureza. Um cartaz em que a descoberta de novas sonoridades é o elemento chave. E por último a escala humana do acontecimento, rejeitando a massificação, e a sua ligação com a comunidade, que faz questão de integrar no evento, e com o mundo."

In Público

"Mais que um festival de música, o Tremor é um festival humano".

In Comunidade Cultura e Arte

O melhor festival do mundo que é preciso descobrir nos Açores”

In Diário de Notícias

"A viagem é enriquecedora e carregada de vibrações, auditivas, visuais e físicas, que ao amontoarem-se se transformam numa só, a de uma festa giratória, qualquer coisa imparável e sempre em movimento. Qualquer coisa aditiva."

In Expresso

"From The Shocking To The Sublime, Boutique Azorean Music Festival 'Tremor' Wins With Experiences"

In Forbes

"Tremor may be the most attractive destination festival in the world right now."

In Billboard

"São Miguel is also home to a burgeoning art and music scene — the annual Tremor festival brings experimental bands and performance troupes every spring."

In The New York Times

"Tremor is a chance to celebrate music and bring new sounds and inspiration to people. Through Ondamarela p, the scope of people reached by sound has become much broader, going beyond physical barriers or limitations. Listeners and non-listeners alike were able to experience music together, through vibration, sound and a shared experience."

In Canal 180

"Tremor, a recent festival of avant-garde music, showed how a local creative community is thriving on the Azores Islands" In Dazed & Confused Magazine

"Tremor Festival is as much an ode to the landscape of the Azores Islands as it is a celebration of music from across the world." In CRACK Magazine

"Tremor festival 2019: Boundary-busting experimental music on a volcanic island"

In FACT Magazine

" the experience of attending a festival like Tremor felt all the more special, mostly because it's an actual experience — something that offers not only the chance to see some bands you know and love, but also the increasingly rare opportunity to maybe discover something new and weird and beautiful."

in Stereogum

"Tremor lives up to its name. It's a shockwave for sleepy São Miguel bringing excellent artists from overseas. Tremor represents a unique combination of enchanting sounds in even more enchanting locations." in TIME OUT LONDON

" Tremor is one of the most unique small festivals in the world." in The Line of Best Fit

"Tremor is incomparable to anything I've ever experienced in my twenty odd years of existence; for something to feel so considerably boundary-pushing, both in artistic intent and in manifestation, is quite rare. Tremor, however, isn't your usual festival. It's an experience that feels almost unreal, and that it takes place in such a unique ecosystem and interacts with this so harmoniously that it truly is one of a kind and here to shake up the very notion of what a festival can be." in Clash

MagazinePARTE I | Sobre o espaço do TREMOR

2. ESTADO DA ARTE

O Tremor estabeleceu dois objetivos basilares aquando da sua fundação: Ser um festival de referência no quadro regional, nacional e internacional, e pelo seu programa desenvolver um trabalho de relação com a comunidade, pela programação, envolvimento e interação, como um serviço educativo camuflado de festival. Assim sendo será importante olhar para a palavra festival, que Chris Gibson e John Connell definem como “O uso da palavra “festival” no nome do evento; o facto de se tratar de algo irregular, que ocorre uma única vez, anualmente ou bianualmente; ênfase na celebração, promoção ou exploração de alguns aspetos da cultura (neste caso a música); tratarem-se de pontos pouco usuais de convergência de pessoas com uma dada atividade cultural ou uma identificação subcultural específica”. (2012: 4) Tendo como base esta definição poderemos afirmar a importância dos pontos de convergência culturais que tem como objectivo agregar um número de indivíduos, num período de tempo finito, sob objectivo comum, que se poderá manifestar na forma de um conjunto de atividades e apresentações artísticas e das relações que estas criam nos espectadores. Tendo a música a capacidade de ser uma linguagem versátil e com elevado potencial de comunicação, assumindo-se como um dos marcadores de identidades coletivas e individuais, demarcando diferenças, ideias e emoções partilhadas por uma comunidade e envolvendo os indivíduos na defesa e reivindicação de uma identidade (Huizinga, 2003; Guerra, 2011, 2010) utilizar esta ferramenta para criar novos públicos, aproximar comunidades e nivelar relações, tem sido uma das bandeiras do Tremor.

Olhando para o panorama nacional, tendo como data marcante o ano de 1965, em pleno regime ditatorial o festival de Vilar de Mouros que “teve um papel importante como suporte de discussão e de constatação do regime, sendo por isso censurado em muitas ocasiões” (Sarmiento, 2007) vemos na sua forma mais embrionária e ainda pouco desenvolvida, a força que estes eventos possuem para agitar comunidades e gerar discussão. Em 2020, tendo Portugal um mercado fortalecido no que conta à realização de eventos deste tipo, que em 2019 contou com 287 festivais realizados (APORFEST), e sendo a vertente comercial cada vez mais um fator predominante, muito deste impacto social tem sido diluído, sendo a maioria dos festivais percebida apenas como entretenimento, sem nenhuma agenda além das performances em palco dos artistas mais badalados do ano em que se realiza. Contudo, a ideia de Festival com “caráter global mas também pela sua profunda variedade e diversidade, abrangendo as mais diversas áreas artísticas, culturais, lúdicas e criativas em sentido cada vez mais amplo” (Quintela, 2016: 261) é ainda defendida por um sem número de produtores e programadores, o que afirma a importância e impacto destes eventos no público e comunidades, quando o foco e oferta do programa tem uma intenção além do entretenimento.

Para um total desenvolvimento desta ideia, será então importante ter também em conta a literatura disponível sobre festivais de música, eventos de programação temática e cruzamentos entre programação e educação nas instituições culturais e eventos.

O melhor exemplo aplicado à realidade Portuguesa é o texto de Pedro Quintela *Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação do Serviço Educativo da Casa da Música* (2011), onde o autor trabalha o exemplo da Casa da Música e da sua abordagem ao conceito de Serviço Educativo. Neste texto é dado ao leitor de forma detalhada o modelo colocado em prática, em que a instituição cruza as atividades do Serviço Educativo com a ideia geral da programação, apesar de dentro da instituição serem áreas separadas, com activos e orçamentos próprios. Além deste exemplo temos

alguns textos que focam na realidade dos Serviços Educativos nacionais, sendo que o foco acaba por ser a realidade dos Museus, como o texto de Sara Barriga e Susana Gomes da Silva *Serviços Educativos na Cultura* (2007) onde as autoras fazem um apanhado geral sobre as práticas e metodologias dos Serviços Educativos na Rede Nacional de Museus, trabalho que é continuado pelo texto de Graça Filipe em *Serviços educativos em Portugal: Ponto da situação* (2011).

Noutro registo temos a tese de mestrado de Mário Jorge Branquinho, *O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da casa municipal de cultura de Seia* (2012) onde o autor, que faz parte da instituição sobre qual escreve, faz a proposta da criação de um modelo de Serviço Educativo para a sua comunidade, focando-se em atividades das artes plásticas, artes performativas e de música, maioritariamente tendo como público alvo crianças em idade escolar e idosos da região. Apesar do que pode ser retirado da metodologia de criação a partir do zero de um modelo de Serviço Educativo, as limitações de faixas etárias de ação que este deve abranger, e que são delimitadas pelo próprio autor, vão contra o que pretendo defender.

A nível internacional há uma bibliografia mais extensa sobre modelos de Serviços Educativos, e sendo para a minha pesquisa de extrema importância toda a informação acerca de modelos de democratização de acesso cultural, destaco dois textos que relatam de uma forma muito interessante experiências de enriquecimento através da educação com música. Maria Mendonça em *Gamelan in Prisons in England and Scotland: Narratives of Transformation and the “Good Vibrations” of Education Rhetoric* (2010) relata a experiência do contacto de um ensemble de gamelão com reclusos em Inglaterra e na Escócia, e a forma como o ensino pela arte muda o dia a dia dos presos destes estabelecimentos. Roisin O’Connor em *School of Noise: Enderby’s Room artist Dan Mayfield on workshops for young people* (2017) relata o trabalho desenvolvido por Dan Mayfield que construiu um modelo itinerante de escola de música ligada à prática experimental em instrumentos analógicos, onde independentemente da idade ou *background* todos são convidados a fazer parte de uma “orquestra de ruído”.

Estando a vertente educativa sustentada nas fontes descritas em cima, parece-me de igual importância a inclusão de fontes que analisem e justifiquem o papel dos programadores ou curadores musicais nas instituições, de modo a melhor compreender o seu papel nestas estruturas, e a forma como se podem interceptar as vertentes educativa e curatorial.

Segundo Hans Ulrich Obrist o curador é “Hoje uma profissão que inclui no mínimo 4 coisas: preservar, no sentido de salvaguardar a herança artista. Significa ser selecionador de novos trabalhos. Significa estar em contacto com a história. E significa exhibir e ordenar. Mas é muito mais que isso.” (2014). Em Portugal Cláudia Madeira em *Novos Notáveis - Os programadores culturais* (2002) fala sobre o papel em destes “novos notáveis” que segundo a autora são os programadores culturais. Aqui é analisado o papel de extrema importância que estes profissionais possuem na circulação de obras e artistas, e na escolha do que é apresentado ao público. Também Claudino Ferreira em *Intermediários culturais e cidade* (2009) se debate sobre a mesma temática, e o impacto das escolhas dos programadores têm nas vidas e rotinas das cidades.

Tendo como base de trabalho os festivais, os sistemas de educação cultural e o papel dos curadores neste processo, poderá ser interessante perceber se a diversidade na dimensão (pequenos, médios, grandes, translocais) e em natureza (de nicho, de cidade, de praia, de campo...), os festivais, e a sua promoção e organização, brotam e representam milhões de euros em investimento e consumo (Pereira,

João Pedro, 2016) se transcreve para o objectivo do festival, como puramente comercial, ou algo mais completo, que além da vertente económica também pretende contribuir de forma positiva para a criação, fruição e discussão cultural. Podemos afirmar, salvo raras excepções, que os modelos de festival médio e pequeno são os que maior variedade programática oferecem, com um trabalho curatorial mais arriscado, traduzido não só em contratação de performances musicais, mas também de atividades de engajamento de públicos, sendo os que maiores laços com a comunidade envolvente criam.

PARTE II | Projeto para um Tremor 2021

3. DESCRIÇÃO

O Tremor, projecto iniciado em 2014 em São Miguel, propõe-se a desenvolver uma programação que contribua, de forma ativa, para gerar novos fluxos de turismo que aliam a experiência da natureza do arquipélago a uma atividade cultural crescente, que encontra no festival um palco único, local e ao mesmo tempo global, comunicando o que de bom se produz e dando palco ao que urge ser mostrado.

O Tremor surge como uma oportunidade única de desenvolver vários formatos de fruição de música, envolvendo vários agentes e locais da ilha, assim como diversas comunidades de São Miguel, e quem lá se desloca, e participa do tecido social e cultural da ilha. Promove a revitalização de Centros Históricos, o desenvolvimento dos seus comércios e restauração e dá alternativas para as habituais formas de o habitar, criando um conteúdo criativo distinto para um público local e para um público visitante que escolhe destinos perante a oferta cultural do território.

Com o seu epicentro a acontecer em Ponta Delgada, percorrem-se várias salas no sentido de promover a movimentação de públicos, a descoberta de diferentes zonas da cidade, assim como a exploração das suas possibilidades turísticas e culturais. Com 5 dias de programação, o Tremor alastra-se a variados palcos na ilha e na natureza, bem como por vezes a outras ilhas, assumindo também uma dimensão transdisciplinar que inclui a criação artística, a experimentação e o cruzamento com outras artes.

O Tremor é o primeiro a lançar uma pedra basilar para um intercâmbio cultural ininterrupto, aproveitando a posição geopolítica dos Açores no atlas, como um ponto de transição ideal para artistas da Europa e da América. Nesse movimento, o Tremor tem como missão a difusão da nova música criada por artistas açorianos, estimulando a cena local criativa e levando para os grandes centros a música criada nesta região periférica. Assim, o festival coloca os Açores num roteiro cultural, tanto quanto turístico, em que as oportunidades de formação e troca de conhecimento proporcionados durante o evento, entre músicos de background e proveniências diferentes, criam uma referência geográfica e cultural.

Criar uma cultura formativa e desafiar um espírito crítico são objetivos do Tremor, através de um projeto artístico diferenciado e de excelência que faz da música e da arte um verbo, conjuga animação e criatividade, turismo, impacto económico, envolvimento de cidadania e o gosto pela tradição lado a lado com a inovação e os prenúncios de futuro.

3.1 PROGRAMA TREMOR #7 -2021

A 7ª edição do Tremor decorrerá de 23 a 27 de Março 2021 na Ilha de São Miguel, Açores. Toma São Miguel como um palco privilegiado para a música, com uma programação multidisciplinar que inclui concertos surpresa em locais inesperados da ilha, interações na paisagem, workshops, pensamento, arte nas ruas, música na comunidade e residências artísticas.

De 23 a 27 de Março, 4 dias de programação pela Ilha de São Miguel: concertos surpresa, lugares inusitados, experiências na paisagem, estreias absolutas, arte, fotografia, conversas, workshops e valorização do património material, imaterial e arquitectónico da região autónoma.

Pela primeira vez, em 2021 a programação cria um circuito de arte e música na cidade de Vila Franca do Campo. No último dia, 27 de Março, Ponta Delgada recebe 12 horas com concertos em múltiplos espaços da cidade que vão do teatro ao coliseu, da loja de roupa ao café, da igreja ao solar, revelando a cidade por dentro e por fora, e tomando como viveiro criativo a singularidade da maior ilha dos Açores.

O Tremor é um estaleiro de criação musical e cruzamento entre disciplinas. A música liga-se às artes visuais e performativas convidando fotógrafos, artistas plásticos e criadores de espectáculos a cruzarem-se com músicos, criando também ligações e projetos com estruturas locais de apresentação e conteúdos que reverberam para e além do festival.

O festival convida artistas a inspirarem-se nos Açores para fazerem música; criação de concertos site-specific (ou específicos para serem ouvidos num espaço); colaboração com artistas locais, e encontros inusitados entre artistas promovendo a originalidade e novas e surpreendentes produções.

O Tremor propõe um roteiro de música e arte intenso, experimental e eclético que convida a participar numa proposta de vibração coletiva e urbana, e num movimento que cria sinergias e colaborações para oferecer novas configurações de valorização do território natural, patrimonial e público. A música é o centro de tudo seja em concertos, em viagens surpresa pela ilha, em exposições ou a correr a cidade de ponta a ponta.

Em 7 anos, o Tremor tem-se revelado como um dos projetos artísticos que mais comunica os Açores contemporâneos. Traz o mundo aos Açores e leva os Açores ao mundo. Fá-lo através de um modo de operação multidimensional erguido em colaboração com Câmaras Municipais, o Governo Regional dos Açores, fundações, embaixadas, marcas, o comércio e a restauração tradicional, bem como com instituições e projetos de cariz cultural, artístico e social.

PILARES

Em 2021, o programa da 7ª edição do Tremor organiza-se em 3 pilares repletos de atividades. Três pilares que avançam sobre a dinâmica que o festival tem vindo a tomar nos últimos anos, numa procura de aperfeiçoamento do seu formato, e de reinvenção da sua proposta artística.

A visão de um espaço cultural em que é intrínseca a atividade programática coerente e a vertente educacional contínua, com um peso e ações pertinentes que apelam a diferentes activos da comunidade em que se envolve é a grande motivação para este trabalho. Aqui pretendo justificar boa programação com boas estruturas educativas dentro das instituições culturais que tem como foco (ou faz parte da programação) a música. A criação de relações próximas entre um equipamento e a comunidade, e o sentido de presença do mesmo, em que toda e qualquer pessoa se sinta acolhida no espaço e representada pela programação, mesmo que esta não seja a programação esperada ou mais imediatamente reconhecível, poderá ser uma realidade palpável com a existência nestas mesmas instituições de programas de interação com as comunidades, de forma comum chamados de Serviços Educativos, que na sua visão programática tenham como objectivo chegar a uma faixa alargada da sociedade, e não apenas a crianças e idosos, públicos alvo normalmente atingidos pela ideia clássica de modelo de educação. É também imperativo que possua uma ligação da sua atividade educacional com a atividade de programação da instituição onde está incluída, permitindo que esta seja mais facilmente entendida e apreciada, ou criticada, e crie um público consciente do que lhes é apresentado. Importante também que possa ser um motor de criação para a comunidade e para o espaço em si. Pretende-se a criação de um lugar vivo e orgânico, onde a educação seja um meio para a fruição e para a crítica.

PILAR 1- Apresentação e acolhimento, através de um programa artístico que se funde com o seu território e comunidade.

Inclui concertos, exposições, 3 sessões do Tremor na Estufa - concertos únicos e secretos que deslocam a ideia de fruição de música para criar novas experiências em instâncias e lugares da Ilha. Propõe música para espaços patrimoniais e naturais, experiências culturais totais e multi-artísticas - 6 sessões do Tremor Todo-o-Terreno - caminhadas na natureza com música - uma composição sonora para ouvir durante a caminhada e uma prestação ao vivo no fim do trilho pedestre. 1 espectáculo teatral com 2 apresentações que inclui 100 pessoas da comunidade local.

12 horas de música em espaços institucionais e não convencionais em Ponta Delgada, que apresentam artistas de várias geografias, gerações e estilos musicais, tal como: Jenny Hval, Richard Dawson, Lingua Ignota, The Comet is Coming, Juana Molina, Luís Gil Bettencourt, Lena DÁ'gua entre muitos outros.

Nas artes visuais, o festival recebe João Ferreira para a exposição da sua série fotográfica “O Paraíso segundo José Maria”, sobre os romeiros em São Miguel. Ao longo dos anos, o Tremor recebeu e co-produziu alguns dos mais importantes fotógrafos da atualidade, entre os quais, António Júlio Duarte, Tito Mouraz, Daniel Blaufuks e Pauliana Valente Pimentel. Em 2021, um ensaio fotográfico onde os homens revelam-se no silêncio. Um silêncio apenas interrompido pelas orações, que são proferidas em longas caminhadas diárias, de trinta a quarenta quilómetros, ao longo dos oito dias em que grupos de romeiros percorrem a ilha de S. Miguel, nos Açores. Este ritual de recolhimento, que tem origem no século XVI, procura a reconciliação do homem com a natureza através de preces pelo fim das erupções vulcânicas e dos movimentos sísmicos.” João Ferreira dedica-se essencialmente à fotografia documental humanista, tendo projectos elaborados e publicados em diferentes países. As suas exposições individuais incluem 1.3 Billion, um retrato de uma China contemporânea; Arquipélago, desenvolvido em duas ilhas de Cabo Verde. Foi seleccionado pela agência Magnum e pela Canon, foi finalista do Prémio Revelação, dos Encontros da Imagem (Braga) e recebeu uma menção honrosa no Tokyo International Photo Awards. Em 2017 foi vencedor do Prémio Internacional Fotojornalismo Estação Imagem, na categoria vida quotidiana.

Noutra proposta o fotógrafo Nuno Miranda captura a imagem do festival, baseada em retratos de gente da ilha, valorizando a comunidade e os seus diferentes actores.

Vários espaços na cidade e na ilha: o Tremor ocupará cerca de 30 espaços da Ilha de São Miguel que servirão de palco a concertos, exposições, conversas, workshops, residências artísticas e todas as atividades inerentes ao festival. A título de exemplo, e com a composição do festival atualmente em progresso, são dezenas de espaços - comerciais, institucionais, culturais, noturnos, industriais, lazer, desportivos- que podem vir a acolher o evento, espalhados pelos diversos concelhos da ilha:

Ilha de São Miguel: Quatro Fábricas da Luz, Pico do Refúgio, trilhos pedestres surpresa, Farol da Ponta do Arnel, Praia dos Mosteiros, Lagoa das Furnas, Convento de Lagoa, Cine Teatro Miramar, Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas;

Cidade de Ponta Delgada: La Bamba Record Store, Casa da Rosa, Solar da Graça, Auditório Luís de Camões, Igreja do Colégio, Ateneu Comercial de Ponta Delgada, Coliseu Micaelense, Antiga Garagem Varela, Arco 8, Academia das Artes, Parque Estacionamento do Castilho, Teatro Micaelense, Auditório Escola Domingos Rebelo, Raiz Bar, Sinaga, Igreja Santo André, Fábrica de Tabaco Micaelense;

Vila Franca do Campo: Igreja de Nossa Sra. da Paz, Ilhéu de Vila do Franca do Campo, Centro Cultural de Vila Franca do Campo, Cine- Teatro, Arena de Vila Franca do Campo.

PILAR 2- Criação artística: residências artísticas para desenvolvimento de novos projetos criados localmente, pré, durante e pós festival.

Troca de saberes, colaboração e experimentação são princípios chave para tomar São Miguel como estaleiro de criação. Artistas visitantes constroem novas experiências com os actores do território num programa que se divide em 3 eixos: Música, Comunidade e Ilha, Processos colaborativos, Futuro e Memória.

Em 2021, o Tremor é um festival de pessoas, caras e comunidades. A presença de artistas locais será mais forte do que nunca e propõe a música como factor de mudança cultural e social - da experiência educativa ao concerto e à coreografia para um arraial (ondamarela com uma comunidade da Associação de Surdos de São Miguel); o jazz como ferramenta de formação, composição e transformação social (Jerry the Cat & Escola de Música de Rabo De Peixe); o intercâmbio e fomento à criação de originais, a colaboração como forma de fazer, construir e provocar encontro entre artistas (Filho da Mãe e Norberto Lobo). Novas propostas site-specific para a ilha (Luis Senra, Sofia Caetano, PMDS), um festival que é uma exposição de pessoas (João Ferreira) e um espectáculo que coloca 100 pessoas de uma cidade em palco, de uma voz só a uma multidão em coro (Ana Borrhalho, João Galante e 100 participantes).

Residências Artísticas Tremor 2021: Música, Comunidade e Ilha

Ana Borrhalho | João Galante e 100 pessoas de Ponta Delgada - workshop, formação teatral e espectáculos

ATLAS de Ana Borrhalho | João Galante tem sido apresentado em vários continentes, mais de uma centena de vezes desde 2012. No Tremor, a dupla faz uma versão do espectáculo em Ponta Delgada para 100 pessoas/performers de diferentes profissões. Um monólogo, um coro, um eco, uma canção, uma música, uma revolução. Nesta obra, Ana Borrhalho e João Galante pretendem construir um Atlas da organização social humana, uma representação através da sua função na sociedade em que se inserem. Um dos motores desta peça são as ideias do artista plástico Joseph Beuys, A revolução somos nós e Cada homem um artista. Uma revolução silenciosa. Uma obra motivada pela crença de que a arte deve desempenhar um papel activo na sociedade. Unir a arte e a vida. Uma cidade. Uma sociedade em palco.

Ondamarela (com Samuel Martins Coelho e Inês Melo Campos), Associação de Surdos de São Miguel - projeto educativo, workshops, concerto, coreografia e colaboração

Orientado pelo colectivo ondamarela, o projecto artístico de índole musical e coreográfica explora a relação dos participantes com o som, o movimento e o espaço ao encontro com 20 participantes da Associação de Surdos de São Miguel. O 3º episódio desta colaboração, premiado pelo Acesso Cultura em 2019, resulta numa performance única e irrepetível, reflexo da construção colaborativa, workshops de composição e experimentação e da relação criada entre os diferentes elos e conhecimentos envolvidos. Um arraial, uma festa, a força de dizer que é possível, continuamente, procurando fortalecer a autonomia e dando acesso à comunidade surda da Ilha de São Miguel. Depois do sucesso, este ano é proposta uma presença maior e disseminada no tempo, com um perfil interdisciplinar e com a ideia de criar um arraial e inaugurar a programação do festival em Vila Franca do Campo.

Jerry the Cat & Escola de Música de Rabo De Peixe - projeto educativo, workshops, concerto e colaboração

Funk jazz intergaláctico, grooves afro-beat e lambidas hipnóticas - Jerry the cat lançou 3 álbuns produzidos independentemente, incluindo “Lalibela” (1973) e “King of Kings” (1974), "Birth / Speed

/ Merging", em 1976. Terminaram. Do nada, The Pyramids anunciou o seu retorno em 2007. Ao mesmo tempo, a 'EM' Records no Japão lançou 'The Music of Idris Ackamoor 1971-2004'. Ackamoor conquistou o prêmio Lifetime Achievement Award de Gilles Peterson nos seus Worldwide Awards em Londres. É uma das vozes do jazz de influência na música africana mais importantes da atualidade, sendo a sua carreira composta por vários projetos com escolas, bandas e comunidades desfavorecidas através da música e da expressão artística. O Tremor 2020 propõe uma reunião de Idris Ackamoor & The Pyramids com a Escola de Música de Rabo de Peixe, projeto pioneiro de escola de jazz na vila que lhe dá o nome. E que ao longo dos 4 anos tornou-se uma referência no Festival Tremor de talento, dedicação, inovação e transformação pela arte. O colectivo de Ackamoor junta-se a Rabo de Peixe para o espectáculo de abertura do festival reflexo da construção colaborativa e da relação criada tendo o jazz como matéria de negociação e exploração.

Tremor Todo Terreno: Luis Senra, Sofia Caetano, PMDS

À sétima edição, o Tremor apresenta-se assim como um evento de pessoas, caras e comunidades, uma missão que se reflecte também no reforço da presença de artistas açorianos. Um desses espaços será o Tremor Todo-o-Terreno, este ano entregue à artista multimédia Sofia Caetano, ao projecto de piano e electrónica PMDS, e ao saxofonista, improvisador e performer Luís Senra. Em conjunto, imaginarão uma experiência plástica e sónica desenvolvida para um trilho pedestre específico, que culminará numa apresentação, ao vivo, na natureza.

Sofia Caetano vive e trabalha entre Pittsburgh, nos EUA, e os Açores, em Portugal. Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e completou o Master of Fine Arts em Media Art na Emerson College, em Boston, nos E.U.A., onde mais tarde lecionou. Em 2016 juntou-se a Elliot Sheedy e fundou uma produtora, The Spectacular House, onde produz conteúdos originais. Atualmente, está a desenvolver a sua primeira longa-metragem, O Homem Mais Feliz.

O seu trabalho centra-se na relação da imagem em movimento com o espectador. Explora o espaço entre a bidimensionalidade do ecrã e a tridimensionalidade da sua relação com a instalação, investigando forma e modos de apresentação.

Luís Senra é um saxofonista e free improviser micalense, natural de Rabo de Peixe, que tem vindo a desenvolver performances onde o foco principal é a exploração do som, das particularidades acústicas do saxofone e da forma como ele se relaciona com diferentes espaços naturais e urbanos. Desde 2017 tem estado envolvido em diversos projectos, entre os quais de destacam, entre outros, O Silêncio da Montanha, uma subida ao ponto mais alto de Portugal para uma performance integrada na programação do Montanha Pico Festival e o BRUMA Project, um projeto de confluência atlântica que une a música tradicional às sonoridades jazzísticas, à novidade da experimentação e ao fluir criativo da improvisação, para a tour de lançamento do seu álbum de estreia. Como performance integrou ainda a programação do MIA – Encontro de Música Improvisada de Atouguia da Baleia, do Serralves em Festa, do Azores Fringe Festiva e do Improv Acción. Em 2019, deu o arranque do Ciclo Performativo "Geometria Sónica" promovido pelo Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, e com curadoria dos programadores do Festival Tremor, e participou nos álbuns Cowboy Microwave Music de Elliot Shedy e Prima Pratica da Creative Sources Recordings, ao lado de músicos como Ernesto Rodrigues, Gianna de Toni, Biagio Verdolini e Luis Couto.

PMDS é um projecto de música electrónica ambient / techno / experimental de Pedro Sousa e Filipe Caetano. O primeiro com formação clássica em piano e o segundo com muitos quilómetros de pistas de dança, ambos com uma paixão (des)controlada por equipamento analógico, sintetizadores e gadgets sonoros. Lançaram o primeiro álbum em 2011 pela editora portuguesa Thisco e fizeram uma digressão por várias cidades portuguesas. No currículo do projecto integram-se ainda a colaboração para a criação de um tema para o Vide-O-Belisk de Nam June Paik a ser mostrada no Museu Brooks em Memphis. Neste momento estão a preparar o segundo álbum, apostando numa sonoridade mais industrial / trip-hop para o ambient / techno. Ao vivo pegam em parte do arsenal e fazem questão de fazer uma viagem sónica ao subconsciente, às memórias desvanecidas, ao pensamento abstrato, tocando e manipulando os instrumentos no momento, sem rede, permitindo acontecer algo cada vez mais raro em concertos - o erro humano.

Essa dose de improviso faz com que cada concerto tome caminhos diferentes, muitas vezes desconhecidos aos próprios intervenientes.

Residências Artísticas Tremor 2019: PROCESSOS COLABORATIVOS

Norberto Lobo e Filho da Mãe Residência de criação musical conjunta

Norberto Lobo e Filho da Mãe são dois dos mais respeitados músicos portugueses da actualidade. Ambos guitarristas, tomam a guitarra acústica como instrumento principal, para o qual cada um dos artistas fez vários álbuns, em nome próprio e em colaboração com outros artistas. O Tremor junta-os para uma residência artística de exploração criativa conjunta, a criação de um concerto colaborativo e o início de um percurso musical conjunto.

Residências Artísticas Tremor 2021: FUTURO E MEMÓRIA

João Ferreira- Fotografia e imagem

Nas artes visuais, o festival recebe um fotógrafo para fazer um projeto ligado ao retrato, fotografando figuras proeminentes da ilha que se tornarão a cara do festival. Depois da paisagem, da fauna local, agora as gentes, as pessoas. Pele, marcas do tempo, a ruga, o traço, a unicidade celular de um rosto, de uma história, de uma biografia e de uma participação na sociedade serão motivo de convite ao fotógrafo João Ferreira. Um projeto que será a imagem do Tremor 2020, um Tremor feito de pessoas, caras, comunidades e quem faz da ilha. Exposição virtual e gráfica que acompanhará todos os momentos e formatos gráficos e virtuais de mais uma edição do festival

PILAR 3- Pensamento, novos públicos e a cidade

A desmistificação de linguagens artísticas e processos criativos serve de base para discussão, apresentação e alcance a novos públicos. Um ciclo de conversas convida artistas em cartaz, especialistas nacionais em internacionais em cultura e políticas culturais para discutir processos criativos, políticas culturais e boas práticas na área da música e das artes. Tremor na Escola leva música e músicos à escola, motiva a participação ativa das camadas mais jovens, através de concertos,

conversas e atividades de sensibilização musical. Mini Tremor dirige-se ao público mais novo com concertos e workshops, a fruição musical e a participação ativa é estimulada através de propostas imersivas. O festival convoca voluntários para implementar o festival, bem como se engaja com a cidade e a sua restauração, criando um circuito de restauração com um menu especial.

Conversas Tremor é um ciclo de conversas, aberto ao público em geral, reflectindo o que se faz e desenvolve no mundo no panorama da música actual e ligando-o às práticas e experiências de artistas e agentes culturais. Uma plataforma para discussão e apresentação de projetos, processos criativos, boas práticas de produção cultural e projetos artísticos, ideias sobre como fazer, viver, criar e inspirar através da música e cultura nos Açores.

Tremor na Escola: Inicia um diálogo com as camadas mais jovens, com intuito de levar música e músicos à escola, motivar a participação ativa de camadas mais jovens no festival, e na cena criativa local e descobrir e estimular os mais novos talentos musicais açorianos a produzirem. Concertos, conversas e atividades de sensibilização musical e apresentação do projeto.

Voluntariado: Espaço onde cidadãos de todas as idades podem adquirir novas competências e contactar com os artistas participantes bem como com as múltiplas dinâmicas culturais inerentes ao Tremor, colaborando na sua realização e logística.

Mini-Tremor: Programa artístico dirigido ao público mais novo e familiar. Sector programático multigeracional para crianças dos 0 aos 80 anos, com intuito de sensibilizar a fruição e criação musical e a participação ativa em eventos de música. Concertos, espetáculos de artes performativas e animação infantil, workshops de sensibilização com atividades para famílias que propõem momentos imersivos, experimentais e participativos.

Roteiro Menu Tremor: Através da restauração, o comércio tradicional e marcas locais, agentes culturais, turísticos e serviços ampliam o público do evento através do envolvimento directo com os agentes da cidade e os seus públicos.1 roteiro gastronómico é aliado à experiência do festival através da associação com vários bares e restaurantes que criam menus de degustação durante a semana do evento, com preços especiais.

3.2 PÚBLICO ALVO

O Tremor tem como centro da sua acção a Ilha de São Miguel e dirige-se aos públicos locais, bem como visitantes das 9 ilhas dos Açores, continente português e estrangeiro.

Seguindo a missão estratégica de divulgação do Tremor e da nova música açoriana, objetiva-se chegar às comunidades artísticas, interessados por música e pelos Açores como destino, formadores de opinião, agentes profissionais e aos públicos das salas das cidades de acolhimento.

Em São Miguel, acções como o Mini Tremor visam um público familiar (pais e crianças) a partir dos 2 anos, encorajando a experiência e descoberta compartilhada entre familiares, explorando capacidades artísticas e criativas na área da música. O Tremor na Escola dirige-se aos públicos de escolas secundárias (15-17 anos) e escolas preparatórias (10-14 anos). O voluntariado cria um encontro intergeracional de todas as idades que inclui a participação activa de mais de 200 pessoas anualmente interessadas em viver o Tremor por dentro, e aprender a desempenhar as tarefas que o compõem.

Diretores de festivais, programadores de música, agentes culturais, profissionais das indústrias criativas, stakeholders, opinion-makers, jornalistas, decisores políticos, startups, editoras, operadores turísticos e de hospitalidade, redes de cooperação, difusão e parceria são o alvo que também procuramos para inventar um espaço de discussão e transmissão de conhecimento, e desse modo posicionar os Açores no palco principal da música e criatividade.

Finalmente, o Tremor dirige-se na sua essência a um público geral dos 0 aos 80 anos. Um público transversal que é local, regional, nacional e internacional interessado em música, turismo cultural, experiências urbanas, espírito de descoberta e curiosidade. Estima-se que no próximo triénio as atividades do Tremor possam incluir cerca de 30.000 pessoas com participação direta nos eventos nas diversas localidades, e mais de 1 milhão de pessoas com acesso aos conteúdos editoriais, discográficos e audiovisuais produzidos pela direcção artística e disseminados em rede e multilateralmente nas suas diversas plataformas (online, internet, tv, rádio) e naquelas estabelecidas em parcerias de divulgação.

3.3 OBJETIVOS PARA O TREMOR 2021

- Criar uma cultura de fruição da música em época baixa, reduzindo as assimetrias sazonais de oferta artística através da programação do Festival Tremor na Ilha de São Miguel;
- Georreferenciar os Açores no mundo da música internacional, valorizando a comunicação do território e criando conteúdos programáticos atrativos que tragam à região públicos que privilegiam a oferta cultural na seleção dos seus destinos;
- Instaurar um projeto de comunicação internacional que usa os novos suportes de comunicação para aliar a criação à inovação, a tecnologia à valorização da natureza, a música como eixo de discussão, e a potência da cultura e criatividade como matriz capaz de tornar um território atrativo e estimulante;
- Apresentar e estimular a nova música açoriana, os seus criadores e a comunidade artística local num sentido multidisciplinar, despertando novas colaborações, criando referências contemporâneas, valorizando repertórios, defendendo novos valores e dando plataformas de continuidade, visibilidade e expansão de projetos e carreiras;
- Disseminar hábitos de criação artística, fixar artistas na região, despertar a curiosidade do público, envolver a população nos processos artísticos, reforçar a identidade e a identificação da comunidade com a cultura e dar acesso à cultura musical e artística independente;
- Revelar novos espaços e experiências na ilha através de um modo de operação sinérgico, alicerçado em parcerias com agentes locais, nacionais e internacionais na ativação de conteúdos;
- Ampliar os públicos alvo através de conteúdos programáticos dirigidos a comunidades específicas - crianças e famílias, escolas secundárias e adolescentes - despertando novas gerações de públicos e futuros artistas e espectadores sobre o trabalho desenvolvido pelo festival, seus artistas e intervenientes; e descentralizando a ação do projeto para territórios mais periféricos e rurais.
- Potenciar através de projetos de residência artística novas criações assentes num diálogo envolvente com os agentes do contexto local e a integração de projetos, produtos e espetáculos em circuitos de coprodução e programação nacionais e internacionais.
- Beneficiar da presença dos criadores e peritos participantes nas várias atividades do Tremor para que se gere pensamento, sentido crítico, transmissão de conhecimento e reflexão sobre o futuro através de workshops, conferências, conversas com artistas e debates.

4. SERVIÇO EDUCATIVO

A programação de espetáculos num equipamento cultural e a vertente educativa que o mesmo oferece, comumente chamado de Serviço Educativo, são duas faces da estratégia programática das instituições, que nem sempre são vistas como elementos cruzados que caminham para o mesmo fim. Estas vertentes devem ser conjugadas ou dissociadas? Podem ser avaliadas por pesos e medidas diferentes dentro das instituições onde estão incluídas? Será possível afirmar a importância de uma em detrimento da outra?

O Tremor propõe-se a potenciar a importância das instituições culturais incluírem na sua missão para a oferta musical, com mesmo peso e capacidade, uma oferta de programação consistente interligada com oferta de estruturas educativas, que funcionem em conjunto para uma maior abertura e impacto nas comunidades onde os equipamentos e estruturas de programação se inserem. Todos os modelos de criação de públicos, a partir dos quais é possível fornecer os meios para o desenvolvimento do espectador crítico e consciente do que lhe é apresentado, na sua comunidade ou fora dela, partem de um processo educativo.

Neste meu texto pretendo vincar a necessidade intrínseca da programação andar de mãos dadas com a educação aquando do desenho de uma proposta cultural. Um plano de ação para uma instituição que pretenda ter um impacto importante e democrático no acesso à cultura a todos. Essa visão de programação e educação como elementos inseparáveis, será o meio que possibilitará a solidificação das instituições como pontos de contacto nos meios onde se inserem, fornecendo ferramentas de entendimento da sua oferta programática, justificando o modo como um serviço educativo enraizado e variado se reflete no interesse em acesso continuado a programas culturais pelos públicos.

Pelo contacto com diversas instituições a nível nacional e internacional que a minha atividade profissional me proporciona, fui compreendendo ao longo dos anos, por interação ou observação, uma série de realidades bastante distintas da aplicação pelas instituições deste conceito de Serviço Educativo, no sentido de quais devem ser as suas práticas, e por fim, quais as suas consequências nas atividades programadas e disponibilizadas ao público em geral. Vemos à data, no panorama nacional, a maioria dos equipamentos culturais da alçada pública, ligados ou não à programação musical, com um setor dedicado ao Serviço Educativo, o que me parece de louvar. Contudo, noto também um automatismo no tipo de atividades destes serviços, que por vezes pela forma e conteúdo proporcionam às suas comunidades atividades que mais parecem blocos de entretenimento para os tempos livres, em vez de uma sólida oferta que pretenda abranger diferentes tipos de público e criar uma ligação sólida com os espaços e a programação que estes oferecem. Com isto pretendo dizer que a limitação da oferta na maioria das instituições a atividades do quadrante infanto-juvenil, ou no outro extremo da população inativa, acaba por deixar de parte uma grande fatia da população, que poderá ser público activo da interação e frequência dos espaços de programação. Parece-me por vezes errada a interpretação da expressão “Serviço Educativo” pelas instituições e o que deverá ser na realidade o serviço que estes setores devem prestar às suas comunidades. É um erro de pensamento comum à nossa sociedade, que existe na vida de um Homem um período de aprendizagem, e uma fase seguinte em que não é necessário aprender, como se o ser humano chegasse a uma altura da sua vida e não nutrisse em si uma necessidade constante de mudar e evoluir. Como defende Sir Ken Robinson ao

longo da sua vasta obra publicada e dedicação à causa da educação, as escolas e instituições levam-nos à ideia errada de que há um limite com o início da idade adulta em que nos vemos privados da necessidade de aprender e ser criativos. Damos por adquirido o que aprendemos e não vemos necessidade de adicionar ou renovar informação a partir de uma certa fase da nossa vida. Segundo o mesmo autor, uma das piores consequências da standardização do ensino pós revolução industrial, que viu a necessidade de dar o conhecimento técnico no Homem, partindo da ideia de que a partir do momento em que este é absorvido pelo mercado de trabalho não tem necessidade de aprender mais nada, apenas de trabalhar. Esta ideia pré concebida e muito replicada pelos sistemas de ensino a todos os níveis, levam ao afastar de um setor importante da população das atividades de enriquecimento e crescimento, que poderiam e deveriam ser desenhadas para esta grande maioria. Não quero dizer com isto, muito pelo contrário, que as instituições devam acabar com as atividades desenhadas para públicos em idade escolar ou em idade de reforma. Devem sim criar também programação de Serviço Educativo e oferta para os outros setores da população, criando sinergias geracionais. É claro que pela tipologia de algumas atividades é necessário circunscrever as ações a certas e determinadas faixas etárias ou limitações físicas e mentais. Contudo, quando as instituições e os programas de Serviço Educativo pensam estes mecanismos mais além, e oferecem programas mais abrangentes e inclusivos quanto à forma como ao público alvo, como aconteceu nos primeiros anos da Casa da Música, tão bem descritos por Pedro Quintela, no período até à data da publicação do seu trabalho¹. Infelizmente também na instituição do Porto, os constantes cortes orçamentais levaram ao empobrecimento do serviço, mantendo contudo à data alguns dos programas que colocaram a instituição como referência a nível internacional. Nesta instituição conseguiu-se levar a um espaço de fruição jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiências ou dificuldades e pelos mecanismos e projectos do Serviço Educativo como “Instruments for Everyone” ou “Digitópia” colocar no mesmo espaço, pessoas de idades e situações económicas diferentes a interagirem não só com o formador mas também umas com as outras e por consequência com a instituição. Esta noção de “Casa de todas as músicas” durante alguns anos traduziu-se também numa “Casa de todas as pessoas”, o que fez com que a comunidade envolvente sentisse aquele equipamento como parte ativa do seu quotidiano, não apenas para participar numa sessão do Serviço Educativo, mas também para ir como espectador a um qualquer concerto de um artista que gosta, ou, como possui uma relação com a Casa, arriscar e pagar bilhete para ver um artista que desconhece mas que sente vontade em descobrir. Esta capacidade destas ações criarem uma relação de confiança e ao mesmo tempo de proximidade com as instituições e a sua programação, são reflexos de sucesso de um Serviço Educativo bem implementado e divulgado. Um Sistema de Interação mais do que um sistema de Educação, no sentido impositivo da palavra Educar. Quando estes programas provocam na comunidade que deles usufrui uma vontade de conhecer, saber mais, e consumir cultura nas mais variadas formas, é no meu ponto de vista o resultado que se deve louvar e procurar, pois está a contribuir para um crescimento pessoal e comunitário dos seus frequentadores. Infelizmente, como referi em cima, não chegamos a ver o potencial completo deste trabalho na Casa da Música, pois o desinvestimento foi reduzindo a capacidade da oferta e o alcance

¹ Quintela, Pedro, Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação do Serviço Educativo da Casa da Música, in Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, 2011

das iniciativas. Um ponto que vem comprovar que estas ações devem ser contínuas e parte integrante de uma instituição, pois é um trabalho para sempre inacabado, mas para sempre imprescindível.

Tendo este como um bom exemplo nacional, foi possível retirar bastante inspiração deste modelo para o que quero propor para a edição 2021 do Tremor.

Tal como descrito em detalhe nos pontos em cima, a missão de programação do Tremor prima pela diversidade, inclusão e relação com a comunidade. É sobre estes pilares que são selecionados os artistas que se apresentam durante os cinco dias do festival. Pretendemos que o público retenha uma experiência onde enquanto viaja de sala em sala tem a capacidade de absorver diferentes abordagens à prática da música, encontrando artistas com diferentes estéticas, sonoridades e de diferentes localizações geográficas. Apesar do rótulo de “world music” não se aplicar ao Tremor na forma limitadora em que este termo é erradamente aplicado (world music é aplicado a toda a música que não soa europeia ou anglo saxônica, mas na sua generalidade, toda a música é world music) é nossa preocupação um mapeamento do globo no que tem a ver com as diferentes manifestações estéticas que são reflexo de cada região. Também para nós é importante uma representação da produção artística nacional, mostrando também a sua variedade e vitalidade ao público presente.

Tão importante como a programação de artistas que apresentam o seu trabalho ou espetáculo em circulação é a criação de novos espetáculos e propostas encomendados pelo Tremor. Neste ponto a nossa maior força é o cruzamento de artistas residentes com não residentes, ou propostas de desafios a artistas já estabelecidos, retirando-os da sua zona de conforto e obrigando-os a dialogar com novas metodologias e manifestações. A criação in loco tem sempre os seus riscos quanto ao resultado final, mas aqui o processo ganha uma força tão grande como o resultado, pois durante este percurso acabamos por fornecer um programa de Serviço Educativo e de partilha de informação e recursos entre pessoas.

Assim sendo, para a edição de 2021 o Tremor apresentará um programa de Serviço Educativo assente na formação de indivíduos na área das indústrias da música, apresentação do festival a novas gerações e inclusão da comunidade no programa do Tremor, como artistas e como público.

A visão do Serviço Educativo no Tremor não se separa da restante programação descrita no ponto anterior, contudo podemos assinalar como as atividade em que a envolvência e inclusão são mais notórias:

- Ana Borrhalho | João Galante e 100 pessoas de Ponta Delgada
- Ondamarela (com Samuel Martins Coelho e Inês Melo Campos), Associação de Surdos de São Miguel
- Jerry the Cat & Escola de Música de Rabo De Peixe
- Tremor Todo Terreno: Luis Senra, Sofia Caetano, PMDS
- Conversas Tremor
- Tremor na Escola
- Voluntariado
- Mini-Tremor

Além destas atividades, para a edição de 2021 será criada a **UTremor**, um projeto de educação não formal do Festival. O projeto é baseado em princípios de intercâmbio, troca e criação artística,

conversa e tempo partilhado entre artistas convidados e um conjunto de artistas açorianos seleccionados a partir de uma convocatória pública.

Partindo do princípio e colaboração como motor ético e estético, U- Tremor assenta em 4 eixos de investigação e exploração: criação artística, produção, comunicação e curadoria. Os 4 eixos servem para fortalecer uma cena artística, e juntá-la em torno do pensamento, experimentação, produção artística e o tempo partilhado em conjunto.

Criando um espaço de partilha, trabalha-se a partir do entrosamento, prazer, ética, generosidade.

Pretende-se criar um espaço onde se respeita a diferença, se cria uma ligação com o mundo, criando uma nova instância de encontro. Esta será uma formação modular, onde os diferentes assuntos apresentam uma dimensão teórica-prática aponta para o fazer e conhecer, prevalecendo um ambiente de construção, conversa, troca e sentido de horizontalidade.

Desta forma pretendemos capacitar a região de profissionais formados e com competência para serem rapidamente absorvidos pelas necessidades da teia cultural local, tal como fornecer as ferramentas para projetos individuais ou coletivos serem mais facilmente criados, apresentados e aplicados.

5. EXECUÇÃO

5.1 PRODUÇÃO

Tendo como material todos os pontos acima defendidos, que se projetam na contratação e gestão de cerca de 150 artistas, sendo que 70% não residem no Arquipélago, em articulação com espaços divididos por 3 cidades e 3 localizações especiais, faz com que a materialização deste evento se transforme num pequeno pesadelo logístico. Em primeiro lugar devemos lembrar a localização geográfica do Tremor, que ao acontecer num pedaço de terra rodeado de água por todos os lados, possui as suas limitações de transporte e disponibilidade de recursos. Isto aliado a um mercado interno em evolução, mas sem as demandas constantes de outros locais quando em comparação, traduz-se na falta de disponibilidade de alguns recursos técnicos e humanos que invariavelmente terão de ser requisitados e enviados de Portugal continental. Este processo materializa-se num tremendo esforço logístico e financeiro de produção.

Para melhor entendermos a dimensão e a capacidade de trabalho da equipa, fica aqui descrita a mesma, com os tempos de permanência de cada:

Equipa nuclear:

Márcio Laranjeira, Direção

Nascido em Barcelos e com um percurso académico que começa em Bragança no IPB, passou pela Chelsea School of Art and Design e agora tem continuidade na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no Mestrado em Estudos Artísticos, Márcio Laranjeira faz parte da Lovers & Lollypops desde 2009, sendo um dos responsáveis pela programação, concepção e gestão dos festivais Milhões de Festa e Tremor, eventos como o 20XXVINTE, e uma serie de colaborações com instituições como a Casa da Música, CCB, Galeria Zé dos Bois, Câmara Municipal do Porto, Salão Brazil, entre outras. Além do caminho como programador, é também agente de artistas do catálogo da Lovers & Lollypops, como Killimanjaro, Cave Story ou Duquesa. Paralelamente a esta atividade é desde 2018 professor convidado da Pós Graduação em Gestão nas Indústrias da Música, sendo responsável pelas unidades curriculares de Gestão de Carreiras Artísticas e Agenciamento e Produção de Eventos.

António Pedro Lopes, Direção Geral

António Pedro Lopes nasceu em Ponta Delgada em 1981. É co-director artístico do Tremor, um festival de música e arte que decorre em São Miguel, desde 2014, numa criação conjunta com a Yuzin e a Lovers & Lollypops. Vive e trabalha entre Ponta Delgada, Lisboa e o Rio de Janeiro. Como artista de dança e teatro, apresentou-se nos 4 continentes em espetáculos, residências artísticas e workshops, tendo colaborado com artistas como Jérôme Bel, João Fiadeiro e Gustavo Ciríaco. Como curador e agitador cultural, dirigiu festivais e eventos artísticos em Portugal e na Europa, nos contextos da dança contemporânea, teatro, música, movido pelo afecto, a construção de uma comunidade, a colaboração, a possibilidade de experimentação e a criação de espaço para o outro. Os seus projetos foram acolhidos por instituições como Teatro Nacional São João, Culturgest, Teatro Pradillo, Theatre de La

Cité Internationale, Arquipélago- Centro de Artes Contemporâneas entre muitos outros. Trabalha com Raquel André desde "Coleção de Amantes", assinando a co-criação artística e comunicação das diversas coleções de pessoas e as suas transformações em livros, espectáculos e conferências, bem como apresentação em vários continentes. É consultor de comunicação e direcção artística para artistas, festivais e associações culturais. É licenciado em Teatro pela Universidade de Évora e diplomado em coreografia pelo Fórum Dança. Acredita que só a cultura pode salvar e que a sua valorização define lugares, o atravessamento de uma época, e a luta contra o empobrecimento de espírito.

Joaquim Durães, Programação

Com mais de uma década de experiência no panorama musical aos níveis nacional e internacional, Joaquim Durães é um melómano que conhece intimamente o que está por trás das indústrias criativas, trabalhando diariamente os papéis de director artístico, manager, agente, produtor e programador. Em 2005, depois de participar no circuito independente de Barcelona, regressou a Portugal com o objetivo de emular o que vivenciou na capital catalã. Assim nasceu a Lovers & Lollypops, projecto editorial multi-facetado que ocupa lugar destaque no panorama musical português pela sua abrangência artística e pela sua incessante procura de novas ideias e linguagens.

Como co-director da Lovers & Lollypops destaca-se a atividade editorial desta com quase cem discos editados e os festivais Milhões de Festa e Tremor, ambos referências incontornáveis na atividade independente nacional. Durães é detentor de um notável currículo cultural, tendo já colaborado, enquanto curador e programador com entidades como a Casa da Música, Plano B, VICE Portugal ou Red Bull Portugal.

Luís Banrezes, Direcção de Produção e Acolhimento

Luís Banrezes nasceu em Macedo de Cavaleiros. Depois de viver e formar no Porto, em 2008 partiu para os Açores. Em São Miguel, tem-se revelado um verdadeiro agitador e programador de vários espaços culturais. Em 2010, fundou a Yuzin Agenda Cultural “Portugal”, uma agenda independente, inovadora e gratuita das Ilhas de São Miguel e Santa Maria. Em 2012, a convite da RDP fez parte da equipa fundadora da Antena 3 “Açores”, e durante 2 anos e meio trabalhou como radialista no programa de autor Caravana Beat. Em 2014, parte para o sul de Espanha e lidera o projecto Ibérico Yuzin Agenda cultural, uma agenda distribuída nas cidades de Palma de Maiorca, Sevilha, Granada, Leon, Ponta Delgada e Santa Maria. Em 2015, regressa aos Açores e a convite do Governo Regional dos Açores integra o departamento do Centro Regional de Apoio ao Artesanato para desenvolver projetos de residências artísticas. Atualmente trabalha como consultor, curador, programador e agente cultural. É um dos fundadores do Tremor Festival e director dos projectos Ponta Delgada para Curiosos, Santa Maria para Curiosos e La Bamba Record Store (a loja de discos mais ocidental da Europa).

Eduardo Maltez, Direcção Técnica

Produtor e director técnico das últimas quatro edições do Serralves em Festa, Eduardo Maltez é especialista na área da tecnologia audiovisual, sendo, consequentemente, o director de produção e director técnico dos festivais Tremor e Milhões de Festa, bem como técnico de som de algumas das

mais reputadas bandas nacionais e internacionais e salas do país. Trabalha com salas como o Rivoli-Teatro Municipal do Porto, Hard Club, Casa da Música, ou artistas como Filho da Mãe, Capicua, Black Bombaim, entre muitos outros, tendo trabalhado como técnico de som em muitos festivais nacionais e internacionais de música e arte.

Equipa a 8 meses do evento

Nuno Miranda, Direção de Comunicação

Nuno Miranda nasceu no Porto em 1977. Iniciou o seu percurso profissional como fotojornalista na revista Con(tacto), passando depois pelas redacções dos jornais Público e Comércio do Porto (1999-2002). Formou-se em fotografia na London College of Communication, University of the Arts London (2002-2005), e, durante o período que esteve no Reino Unido (2002-2009), colaborou com a revista Time Out (Londres) e trabalhou como correspondente para diversas publicações portuguesas, tais como Única (Expresso), Grande Reportagem (Jornal de Notícias e Diário de Notícias), Pública (Público) ou Domingo Magazine (Correio da Manhã). Expôs o seu trabalho em locais como Centro Português de Fotografia (Porto), Maus Hábitos (Porto), Galeria da Biblioteca Municipal Almeida Garrett (Porto), Carpe Diem Arte e Pesquisa (Lisboa), GratisLab (Porto), Museu do Carro Eléctrico (Porto), Galeria Well (Londres), Troca-se por Arte (Porto) e CACAU – Casa das Artes, Criação, Ambiente, Utopias (São Tomé). Foi também membro do júri para o prémio de melhor vídeo musical no Festival Internacional de Cinema – Curtas Vila do Conde (2012). Foi co-fundador da VICE em Portugal (2009-2014), projecto ao qual se dedicou como diretor editorial e diretor criativo, trabalhando para marcas como Vodafone, TMN, Optimus, Red Bull, Cutty Sark, Adidas, Nike, MINI, Lacoste, entre outros. Foi coordenador de projectos de comunicação do departamento de marketing cultural da Red Bull Portugal (2016-2017), onde criou estratégias de comunicação para acções de marca e dirigiu projectos, desde documentários a spots publicitários. Actualmente é o Director de Comunicação da Lovers & Lollypops e também empresário em nome individual, trabalhando na área da estratégia criativa e de comunicação para clientes como ANJE, Câmara Municipal de São João da Madeira, Portugal Fashion, Por Vocação, Estúdio Eduardo Aires ou Porto/Post/Doc.

Sara Cunha, Assessoria de Imprensa

Sara Cunha é licenciada em Comunicação Social, tem vindo a desempenhar funções nas áreas de comunicação e produção cultural desde 2010. Foi ao longo de 4 anos responsável pelo gabinete de comunicação da CTL, desenhando a estratégia de comunicação online, media e institucional dos vários projectos como o Musicbox ou o Festival Silêncio. Desde Janeiro de 2017 que trabalha como freelancer em produção e comunicação tendo colaborado com projectos como o IndieLisboa, a Galeria Zé dos Bois, o Fest - Festival Novo Cinema, Novos Realizadores, o Mucho Flow, Cine'Eco Seia e Tremor. Colaborou também na produção do MIL e da Rádio Silêncio, integrado no festival com o mesmo nome. Tem também a seu cargo a comunicação de várias bandas nacionais.

Sérgio Couto, Design de Comunicação e Website

Sérgio Couto tem como percurso académico uma licenciatura em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes do Porto, e sendo um dos fundadores do Atelier Bolos Quentes, Sérgio Couto, agora em nome próprio, desenvolve diversos projetos em áreas diversificadas, desde projetos culturais e artísticos como o Milhões de Festa, Tremor, Hat Weekend, a instituições de grande porte como a Fundação de Serralves, Câmara Municipal do Porto e produtos de empresas como a Red Bull, bem como organizações públicas sem fins lucrativos como o Encontrarte, em Amares. Os seus principais meios de comunicação são o material impresso, vídeo, web e concepção e organização de eventos públicos. A escolha do (s) meio (s) é resultado do equilíbrio entre as opções formais e conceituais que caracterizam e tornam a unidade final de uma ideia. Acredita na forma como acredita no conteúdo. Acredita em imagens como acredita em palavras. Mas acima de tudo acredita no equilíbrio entre forma e conteúdo, e imagens e palavras.

Equipa a 3 meses do evento

Fábio Paiva, Equipa de Pessoal Auxiliar

Fábio Paiva, 28 anos, tem o Curso Tecnológico de Multimédia da Escola Secundária Antero de Quental, Ponta Delgada. Desde 2008, está ligado à organização de eventos 2008-2014 Responsável pelo Downhill nos Açores com provas Nacionais e Regionais nas ilhas de São Miguel, Pico, Faial e Santa Maria. Entre outros eventos radicais como o Bungee Jumping, Blob Jump, entre outros. Também colabora com outras entidades como a Associação Parlamento Jovens dos Açores em projetos de intercâmbio de jovens da União Europeia nos Açores e Roménia, com o Grupo Desportivo Comercial no ERC Azores Airlines Rallye, e como produtor cultural de festivais de música e de arte, tais como Associação Anda e Fala (Festival Walk&Talk), Plutão Camaleão (Festival Tremor) e Vento Encanado Produções (Festival Azores Burning Summer).

Rubén Monfort, Produção e Vídeo

Rubén Monfort Meseguer nasceu em Benicarló, no norte da Comunitat Valenciana, Espanha. Em 2006 começa a sua formação universitária em Comunicação Audiovisual, e em 2009, começa a sua história com Portugal com o programa Erasmus na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, nos cursos de Cinema e Comunicação. Estudou em Brasília, trabalhou com produtoras de audiovisuais em Espanha, trabalhou com cameraman e editor de vídeo em São Paulo e colaborou com o Canal 180 em projetos como a Oliva Creative Factory, o festival Primavera Sound Porto ou Turismo do Norte. Em 2014, mudou-se para os Açores. Foi video-jornalista para o Jornal Açoriano Oriental e desde 2015 é co-diretor da Agenda Cultural Yuzin Azores, realizando funções de produção e design gráfico. Produz guias de Ponta Delgada e Santa Maria, festas temáticas e faz assistência de direcção do Festival Tremor desde 2015. É fotógrafo freelancer em projetos autorais e de fotojornalismo.

André Belchior, Assistência de Produção e Logística

André Belchior Sousa nasceu na Ilha de São Miguel. Iniciou o seu percurso académico na Universidade dos Açores, com a licenciatura em Sociologia. Foi membro da direcção do Núcleo de

Estudantes de Sociologia da Universidade dos Açores, e colaborador de diversos congressos internacionais, realizados nessa Universidade. Seguidamente, parte para o Porto para iniciar o Mestrado em Sociologia, para formar-se num sociólogo mais capaz nas áreas culturais e sociais. Com o apoio e a orientação de Paula Guerra, terminou o mestrado com a dissertação “Um Tremor de Sons em São Miguel. Estudo de caso alargado acerca do Festival Tremor e seus impactos na Ilha de São Miguel”, tendo este sido avaliado com 17. Atualmente, para além da sua contínua ligação com o ramo da investigação, tendo já feito apresentações em conferências e congressos como o IJUP e Talkfest, tem colaborado com o Festival Tremor enquanto assistente à Produção Artística. Estuda atualmente Gestão e Organização de Eventos.

Guilherme Garrido, Assistência de Produção e Acolhimento de Artistas

Guilherme Garrido (1983, Leiria) trabalha em performance, dança contemporânea e música como performer, curador, agitador cultural. Bacharel em Artes Plásticas na ESAD (Caldas da Rainha), tem os cursos de Dança Na Comunidade e Criação e Pesquisa Coreográfica do Fórum Dança, tendo apresentado os seus trabalhos mundialmente. Como coreógrafo criou I WANT MORE FANS YOU WANT MORE STAGE com António Pedro Lopes (2008), a couple dance com Mia Habib (2009), Still Difficult Duet (2007) e Still Standing You (2010) com Pieter Ampe. Criou o solo GO JOHN, em 2011 e estreou BEST BEAST, em Janeiro de 2012. Ainda no mesmo ano, apresentou A COMING COMMUNITY, uma colaboração com Hermann Heisig, Nuno Lucas e Pieter Ampe. Com António Pedro Lopes forma o projeto musical Melhor Amigo. É diretor artístico do Festival A Porta, em Leiria que anualmente reúne música, artes visuais, jantares temáticos, performances e um programa de atividades infantojuvenis em lugares desvalorizados da cidade. Produz e coordena o circuito de Nova Música Portuguesa- Super Nova e trabalha com o Tremor, em produção executiva desde a sua terceira edição.

Diogo Lima + Cactus Sessões, Direção de Vídeo e Fotografia

Diogo Lima nasce em 1993 em S.Miguel. Licenciado em Cinema, Video e Comunicação Multimédia, assina em 2012 a direcção de PDL-LIS - primeira obra documental premiada no Panazorean IFF e com o Prémio Regional de Cinema e Audiovisual “Ayres d'Aguiar, do Governo dos Açores. Nos anos seguintes, divide-se entre a realização e a sala de montagem. Na edição constrói um portfolio composto por anúncios para TV, web e cinema. Enquanto realizador passeia-se entre o videoclip, publicidade e formatos narrativos de curta duração dos quais se destacam o trabalho contínuo com o festival TREMOR, o documentário com chancela Red Bull “AZ-RAP: Filhos do Vento” ou a websérie “Sou Menino para Ir”, em colaboração com Salvador Martinha. O artista colaborará com o colectivo Cactus Sessões, um grupo de trabalho ligado ao video, fotografia e audiovisual sediado na cidade da Ribeira Grande com experiência na criação de conteúdos para artistas, empresas, festivais e eventos na Ilha de São Miguel.

Equipa a 2 semanas do evento

Stage Managers

Staff Manager
Bar Manager
Transport Manager
Gestor de redes sociais

Equipa durante o evento

Técnicos de Som
Técnicos de Luz
Técnicos de Palco
Gerentes de Bar
Operacionais de Bar
Porteiros
Seguranças
Operacionais de bilheteira
Operacionais de informações
Condutores
Equipa de limpeza

Pegada ecológica

Uma das grandes preocupações do Tremor é o que deixa para a população de Ponta Delgada, e aqui temos muita certeza do que queremos deixar como legado, e do que não queremos. Não queremos ser responsáveis diretos e indiretos pela deterioração do equilíbrio natural e criação de lixos e desperdícios, pelo que o festival assume as seguintes medidas para reduzir o impacto:

0 garrafas plástico de uso único,
Copos reutilizáveis,
Digitalização do programa e comunicação.

5.2 IDENTIDADE GRÁFICA

Tradução do imaginário açoriano contemporâneo sempre foi o objectivo da identidade gráfica do Tremor. Desde a sua gênese trabalhada com o designer gráfico Sérgio Couto, a imagem do Tremor pretende refletir o território como referência, tentando não ser demasiado óbvio. Ao longo destas 7 edições o trabalho de concepção gráfica trabalhou tipografia, ilustração ou fotografia como elementos centrais da identidade tendo como objetivo a criação de marcas fortes, reconhecíveis e partilháveis. Apesar da marca Tremor ser a mesma a cada edição, o trabalho gráfico é renovado a cada ano. Isto acontece com o objectivo, tendo em conta a efemeridade e ciclo anual do evento, de a cada ano, tal como o programa e as propostas, a imagem do Tremor ser também nova e refrescante. A importância desta renovação é mensurável pelas reações dos espectadores passados e futuros ao anúncio e divulgação da nova imagem, ano após ano, fazendo com que este seja um dos momentos de comunicação mais importantes do período pré festival.

5.3 COMUNICAÇÃO

A comunicação do Tremor tem ocupado especial destaque e granjeado reconhecimento como projeto artístico internacional ímpar. Alcança pessoas de todas as idades e proveniências (região, continente e estrangeiro) interessadas em música, e em participar numa experiência artística ancorada na comunidade local e no património natural, arquitectónico e tradições dos Açores.

Sob o mote “levar os Açores ao mundo e trazer o mundo os Açores”, a urgente atualidade do programa tem uma divulgação regional, nacional e internacional, projetando os seus artistas, bem como as discussões e conteúdos propostos pela curadoria artística.

O projeto de comunicação evidencia o seu conceito, formato e geografia, de uma forma bilingue, contínua, viral e multidisciplinar, apoiando-se em diversos canais e suportes. Esta abordagem gera conteúdos ricos e apelativos aos diferentes públicos que procura impactar. Em 2020, o Tremor começa na pele, para chegar aos rostos da comunidade local. Através do trabalho criativo de entrosamento e documentação ao encontro de uma São Miguel diversa e multi-geracional, são as pessoas da ilha que se tornam a cara que comunica o festival, numa edição particularmente forte em termos de participação directa de várias comunidades.

Difundido em parceria mediática com vários órgãos de comunicação social, o Tremor alia-se a meios como a Antena 3, Antena 1 ou RTP. O grande interesse do evento tem gerado media trips com jornalistas nacionais e estrangeiros de meios como DAZED, Forbes, Expresso, Observador, Visão, Diário de Notícias, Comunidade Cultura e Arte, Público, The Guardian etc, para antevisão e cobertura do festival. A assessoria de imprensa apresenta o programa do festival através de vários anúncios que geram conteúdos, referências, reportagens, entrevistas, artigos e participações em programas de tv e rádio, em linha com as temáticas artísticas que o festival aborda e os seus objectivos culturais e sociais.

O digital é utilizado como base de comunicação: o site www.tremor-pdl.com, ou uma app Tremor são interactivos, e apresentam o programa do evento e um guia de experiência para a ilha com sugestões para onde comer, ficar, comprar e o que fazer. As redes sociais, Twitter, Instagram, Youtube e Facebook, todas com a terminação @tremorpdl, são a base de relação directa com o público do festival. A interação é feita com conteúdos de divulgação, fotografias, vídeos, clipping de imprensa e materiais dos artistas e da ilha. São produzidos ainda suportes gráficos e merchandising: desdobráveis, posters A3, sacos, mupis, outdoors e sinalética de condições de acesso aos vários espaços. A produção audiovisual é supervisionada por Diogo Lima, em parceria com André Mendes e uma equipa de fotografia, para inúmeros teasers, spots tv, vídeos e fotos de concertos e registos de residências artísticas e interação com a ilha.

O festival apresenta uma forte componente gráfica e visual através do trabalho de Sérgio Couto, e cria formatos impressos como um guia-programa, e em São Miguel os meios de promoção que conferem visibilidade local ao projeto como mupies, outdoors, flyers de divulgação e inserções de publicidade em jornais.

5.4 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Julho - Outubro 2020

- Conceptualização do projeto e desenho de identidade visual
- Definição e contatos de programação e parceria artística
- Diálogos de cooperação e pedido de apoios e sponsors
- Estabelecimento de networking e parcerias media
- Disponibilização Pacote bilhete + estadia + viagem
- Acolhimento da Residência Artística de João Ferreira

Novembro 2020

- 1º momento de comunicação do cartaz artístico- Novembro (1ª semana)
- Captação de recursos, programação artística e definição de parcerias.
- Definição e contatos de programação e parceria artística (continuação)
- Diálogos de cooperação, pedido de apoios e subsídios (continuação)
- Estabelecimento de networking e parcerias media (continuação)
- Primeira Residência Artística (ondamarela + ASISM)

Dezembro 2020

- 2º momento de comunicação do cartaz artístico- novos artistas no cartaz TREMOR
- Festa de lançamento do Tremor em Ponta Delgada
- Definição e contatos de programação e parceria artística (continuação)
- Diálogos de cooperação, pedido de apoios e subsídios (continuação)
- Estabelecimento de networking e parcerias media (continuação)

Janeiro 2021

- 3º momento de comunicação do cartaz artístico- Novos artistas no cartaz TREMOR
- Produção Local e implementação do projeto com os locais de acolhimento
- Definição e contatos de programação, parceria artística e booking de artistas
- Tremor na Escola - Escolas Públicas - apresentação do festival
- Segunda Residência Artística (ondamarela + ASISM)

Fevereiro 2021

- 4º momento de comunicação do Programa Completo de Atividades, e calendarização das atividades e concertos do Festival
- Acolhimento de Residências Artísticas
- Pré Produção: Coordenação e Implementação local
- Conferência de Imprensa de apresentação do Festival TREMOR #7 em P. Delgada- última semana de Fevereiro.

Março 2021

- 5º momento de comunicação do Programa Completo de Atividades, e calendarização das atividades e concertos do Festival
- Terceiro momento Residência Artística (ondamarela + ASISM)
- Acolhimento de Residências Artísticas: Idris Ackamoor + The Pyramids + Escola Música Rabo Peixe + Ana Borrvalho & João Galante, Norberto Lobo e Filho da Mãe, Sessa (Tremor-todo-o- Terreno)
- 5 dias de Festival Tremor: 31 março- 4 Abril;
- Desmontagens
- Balanço Financeiro
- Pagamentos
- Monitorização de imprensa

Maio- 30 Setembro 2021: Relatórios de atividade, avaliação financeira e recolha do impacto da ação, monitorização de imprensa e pagamentos.

CONCLUSÃO

Ao longo deste projecto tive como objectivo explicar, descrever e reorganizar o projecto Tremor para a sua edição de 2021. Num ano bastante atípico para esta área, em que devido à pandemia causada pelo Covid 19, este e outros eventos similares viram as suas edições adiadas ou canceladas, estando toda uma classe de artistas, programadores, técnicos e restantes membros das equipas que permitem a realização de tais acontecimentos em pausa, sem perspectivas de retoma, e com medidas de apoio estatal bastante deficitárias. Será importante refletir sobre a importância destes e outros eventos culturais e o real impacto que estes possuem, as condições de trabalho dos envolvidos, e a percepção da comunidade em geral sobre os mesmos.

Durante os tempos de reclusão e de maior receio em relação à capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde ao tratamento de infectados pelo Covid 19, vimos um sem número de instituições públicas, maioritariamente na figura de municípios, a anunciarem publicamente o cancelamento das suas atividades culturais imediatas ou próximas (ex: festas da cidade) canalizando as verbas para a cultura para o combate à Covid 19. O reflexo da população em geral a estes anúncios, medido pelo barómetro falível mas possível da época, as redes sociais, foi o de grande aprovação e louvor, tendo a maioria da população aplaudindo estas medidas e incitando outras estruturas a fazerem o mesmo. Estas medidas, que podemos classificar de populistas, pois os cabimentos orçamentais municipais possuem objetivos e metas que possam justificar o emprego de verbas, não sendo tão fácil assim o “tira daqui, mete acolá”, refletem o estado de fragilidade e precariedade da percepção da importância da cultura na nossa sociedade por uma fatia muito representativa da população. Esta visão e tratamento da cultura como um bem de segunda ou terceira necessidade, que em tempos de crise é o primeiro a sofrer cortes e desinvestimento, coloca todo o setor em cheque, traduzindo-se numa falta de priorização e validação pública para mecanismos mais eficazes de apoio ao desenvolvimento do setor e estabilidade dos indivíduos que nele participam como profissionais.

Esta percepção da importância das artes por uma parte considerável da população é um reflexo do tratamento do setor público às artes, sendo em tempos de crise mais visível a falta de planeamento e investimento sério que este setor carece. Principalmente na primeira década deste milénio, os festivais de música foram muitas vezes exemplo usado pelo poder político pela capacidade de crescimento, contribuição para o fluxo de turismo, e para a solidificação e divulgação da identidade regional e nacional. Contudo, assim que este setor necessita de auxílio, pois foi o primeiro a fechar, e será o último a reabrir, saiu da lista de prioridades.

Quais poderão ser os motivos, além da falta de planeamento e investimento do setor público nas artes, que levem a este sentimento descartável em relação às atividades artísticas por parte de uma parte da população? Podemos também pôr em causa a visão puramente comercial deste tipo de eventos, em que apenas é procurado o lucro, sendo o público tratado como mero consumidor, e não havendo nenhum tipo de preocupação ou planeamento de como um evento pode contribuir para o meio e comunidade onde está inserido? Podemos ver as reações do público a cancelamentos de eventos puramente comerciais, versus o cancelamento de eventos que possuem uma agenda e ações de integração comunitária. Nos primeiros a principal preocupação do público, que logo após o anúncio do cancelamento invade as redes sociais destas estruturas, é pedir o dinheiro dos seus bilhetes de volta.

No segundo caso, há também uma invasão nas redes sociais, mas para comentar o quão desiludidos estão com o cancelamento, mas também expressam o quanto anseiam pelo regresso dos eventos em 2021, muito poucas vezes ou nenhuma falando do dinheiro do bilhete, e por vezes expõem que pretendem manter o do evento cancelado e comprar um novo para a nova edição, contribuindo para a sustentabilidade do evento. Estas ações parece-me um reflexo direto das ligações que os eventos criam com o seu público e com a sua comunidade, que não são apreendidos como apenas um conjunto de artistas a tocar em cima de um palco em troca de um bilhete, mas de um conjunto de ações e iniciativas que envolvem o público de uma forma que este percebe estes eventos como bens de primeira necessidade, pelo que lhes é dado e pelo que é deixado no local onde acontecem.

Durante o Mestrado em Estudos Artísticos fui adquirindo ferramentas que me permitiram investigar de uma forma mais aprofundada e científica a história destas manifestações culturais, o impacto que estas tiveram (ou não) nas comunidades que as acolheram, e terminar mais seguro da importância que a inclusão e a programação como ferramenta ao serviço da educação possui para a validade e solidificação deste tipo de eventos no tecido cultural de uma comunidade e região. A arte, mais especificamente a música, possui uma linguagem que permite uma inclusão eficaz de diferentes pessoas, de diferentes estratos sociais, recursos financeiros e heranças culturais sob um objectivo comum, permitindo criar laços e mitigar diferenças nas relações exteriores aos eventos culturais. Vemos que o trabalho feito em algumas comunidades consegue levar para o dia a dia códigos e comportamentos de partilha e aprendizagem conjunta que se manifestam durante um festival, um concerto ou uma oficina. Acredito cada vez mais, que do ponto de vista do programador ou curador não deve apenas ser importante programar de um ponto de vista estético, mas também de um ponto de vista inclusivo, para que, independentemente da capacidade do evento a organizar, estes não se revelem uma barreira para certos e determinados públicos, mas pelo contrário, criem terreno fértil para a mescla e partilha entre comunidades, gerações e tribos.

Assim sendo, a criação de eventos e estruturas que tenham como objectivo a criação de uma ligação forte com as comunidades onde são desenvolvidos, envolvendo de uma forma séria público e artistas, e permitindo que os primeiros consigam notar o impacto que estas ações têm no seu comportamento e dia a dia, serão um ponto importantíssimo a ter para a retoma, pois o setor só irá crescer o quanto o poder público e a percepção social do mesmo o permitirem.

Para a edição de 2021 do Festival Tremor está então planeado um grande investimento na programação que crie terreno fértil para a inclusão e criação de novos públicos, que se sintam inquietos com a programação e experiência proposta, mas confortáveis na comunidade que se cria durante o evento. Será um ano muito importante, onde devido a todo o processo de ajuste e alterações derivadas pelo surgimento da pandemia, o Tremor não será o que foi nos anos anteriores. A limitação dos espaços, das viagens, e principalmente do contacto social, uma das manifestações mais importantes deste tipo de eventos, será por certo diferente. Contudo, acredito que com os dados que hoje possuímos, o saber adquirido durante estes meses e a evolução da situação nos tempos que aí virão irão permitir com que apesar de diferente, seja uma experiência positiva, em que o sentimento de pertença permaneça e a segurança de todos os envolvidos seja uma garantia.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- Abbs, Peter, *Against the flow: Education, the arts, and postmodern culture*, Falmer, London, 2003
- Albuquerque, Soraya Sousa de, *Turismo de Eventos: A importância dos eventos para o desenvolvimento do turismo. (Especialista em Gestão e Marketing do Turismo)*, Universidade de Brasília, Brasília, 2004
- Barriga, Sara e Gomes da Silva, Susana, *Serviços Educativos na Cultura*, in *Coleção Públicos nº2*, Setepés, Porto, 2007
- Branquinho, Mário Jorge, *O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da casa municipal de cultura de Seia*, *Mestrado em Animação Artística*, Instituto Politécnico de Viseu, 2012
- Cravinho, Pedro, “A Música agora é Jazz”: O Jazz como palco de resistência em Portugal, entre 1971 e 1973, in *Colóquio Internacional Música – Discurso – Poder*, Universidade do Minho, Braga, 2011
- Demers, Joana, *Listening Through the Noise*, Oxford University Press, 2010
- Dennis, Brian, *Experimental music in schools*, Oxford University Press, London, 1970
- Ferreira, Claudino, *Intermediários culturais e cidade*, in Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite (org.), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009, pp319–336.
- Filipe, Graça, *Serviços educativos em Portugal: Ponto da situação*, in *Encontro nacional serviços educativos em Portugal: Ponto da situação*, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 2011
- Fonterrada, Marisa French de Oliveira, *De tramas e fios: em ensaio sobre música e educação*, Editora UNESP, 2008
- Frey, Bruno S, *The Rise and Fall of festivals: Reflections on the Salzburg Festival*, 2000
- Guerra, Paula, *Vens Ver ou Fazer? Um roteiro dos festivais de verão [Will you come see or will you come meet? A road map of the summer festivals]*. Universidade Júnior – Universidade do Porto [Universidade Júnior – Universidade do Porto], 2012
- Gibson Chris; Connel, John, *Music and Regional Development in Australia*. Cornwall: Ashgate. ISBN 978-0-7546-7526-6, 2012

- Hallam, Susan, The power of music: Its impact on the intellectual, social and personal development of children and young people, in *International Journal of Music Education*, United Kingdom, 2010, pp 269-289
- Kanellopoulos, Patagiotis, Cage's short visit to the classroom: Experimental music in music education - A sociological view on a radical move, In J. O'Flynn (Ed.), *Proceedings of the 6th International Symposium on the Sociology of Music Education*, held at Mary Immaculate College, University of Limerick, Ireland, 2011
- Madeira, Cláudia, Novos Notáveis - Os programadores culturais, in *IV Congresso Português de Sociologia*, Celta, 2002
- Mellers, W, Music for 20th - century children: Magic and ritual in the junior school, *Musical Times*, 2011, pp 20 - 36
- Melo, Isabel Margarida, O Museu Inspirador - Exercício de Aplicação da Ferramenta de Auto-avaliação Inspiring Learning for All em quatro Serviços Educativos de museus portugueses, In *Cadernos de Sociomuseologia* nº32, Lisboa, 2007
- Mendonça, Maria, Gamelan in Prisons in England and Scotland: Narratives of Transformation and the "Good Vibrations" of Education Rhetoric, in *Ethnomusicology*, Vol.54, Nº3, University of Illinois Press, 2010, pp 369-394
- Miranda Kitterlin, Michelle Yoo, Festival motivation and loyalty factors. 10, 2014
- Moreno, Joseph, Multicultural Music Therapy: The World Music Connection, *Journal of Music Therapy*, Volume 24, Issue 1, 01/03/1988, pp 17-27
- Neto-Mendes, António, A participação dos municípios portugueses na educação e reforma do Estado - Elementos para uma reflexão, in Benno Sander, *Por uma escola de qualidade para todos: programação e trabalhos completos do XXIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação*, Porto Alegre, 2007
- Obrist, Hans Ulrich, Hans Ulrich Obrist: The Art of Curation, in *The Guardian*, 23/03/2014
- O'Connor, Roisin, School of Noise: Enderby's Room artist Dan Mayfield on workshops for young people, in *Independent*, 05/05/2017
- Palheiros, Graça Boal, *Investigação em educação musical: perspectivas para o seu desenvolvimento em Portugal*, Revista Música, Psicologia e Educação, 1999

-
- Quintela, Pedro, Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação do Serviço Educativo da Casa da Música, in Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, 2011, pp63-83
- Quintela, Pedro - Título da página eletrónica: PROFestival. Revista Crítica de Ciências Sociais [em linha]. N.º 109. p. 259-264. [Consult. 20 setembro 2020]. Disponível em: . QUIVY, Raymond;
- Robinson, Ken, Out of our minds: learning to be creative, John Wiley & Sons, United Kingdom, 2001
- Sarath, Ed, Meditation in Higher Education: The Next Wave, in Innovative Higher Education, vol 27, 2003, pp 215 - 233
- Service, Tom, Stuck on repeat: why we love repetition in music, in The Guardian, 16/04/2016
- Vargas, António Pinho, Música: Poder e discursos como produtores de subalternidade, in Música Discurso Poder, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2012
- Varvarigou, Maria, Different ways of experiencing music-making in later life: Creative music sessions for older learners in East London, in Research Studies in Music Education, United Kingdom, 2013

ANEXOS

Documentação gráfica do TREMOR (2014 - 2019)

2014



2015

TRE MOR #2 R

ponta
delgada

são miguel
açores

www.
tremor-pdl
.com

27 março

23:30 - Academia das Artes
TT The Artist
Os Yeah!
Nex

28 março

10:30 - C. C. SolMar, Praça Principal
DudêDu
musica para Bebês

14:00 - Academia das Artes
Apresentação
Workshop de
ZAI

14:30 - Audl. Luís Camões, Cons. Regional
Srosh Ensemble

15:00 - X Hostel
ON

16:00 - Cantinho dos Anjos
Emanuel Paquete

16:15 - Louvre Micaelense
Lucrecia Dalt

17:00 - Ateneu Comercial
Duquesa

17:30 - HC Lounge
Broad Beans

18:00 - Travessa dos Artistas
**Bandido e
O Coração Pirata**

18:15 - A Tasca
Alexandre Soares

18:30 - Landrina
Emperor X

19:00 - Refinaria
King John

19:30 - Audl. Luís Camões, Cons. Regional
Bitchin Bajas

21:30 - Teatro Micaelense
Bruno Pernadas
How can we be joyful in a world
full of knowledge?

23:00 - Igreja do Colégio
Medeiros/Lucas

23:00 - Academia Das Artes
Live Low

23:15 - Refinaria
Tweak Bird

00:00 - Coliseu Micaelense
Moulinex



mudança de hora, avanço
de uma hora - lh passa 2h

02:45 - Travessa dos Artistas
Ian Carlo Mendoza

03:00 - Academia das Artes
Black Bombaim
projecção fotográfica: Tito Mouraz

03:15 - Solar da Graça
Zai

04:00 - Academia das Artes
Sensible Soccers

05:00 - Academia das Artes
Cpt. Luvlace

2016

azores airlines

**TRE
MOR
#3**

Clinic, Equations,
Lost Tapes DJ7
Liverpool Inter- Festival of Psychedelia

Fred Cabral,
Swift Triigga,
Dj Rush Rap,
DML
@highopacianos

**Bitchin' Bajas &
Bonnie 'Prince' Billy,
Dan Deacon, PAUS,
Capitão Fausto**

HHY & The Macumbas,
Filho da Mãe, ZA!,
Killimanjaro, Modernos,
Alek et Les Japonaises,
O Gringo Sou EU,
Zeca Medeiros, Kobaian,
Sara Fontán, Salvador

Joana Gama & Luis Fernandes,
Filho da Mãe+Ricardo Martins,
SONJA, Medeiros/Lucas,
Doni, Happy Meals, Tio,
Luis Senra & Yves Decoster,
Landforms, Spank Lord,
Rafael Carvalho, King John,
Rapeciáz Trio, Sara Cruz,
Ricardo Martins, Dj Quesadilla,
Nuno Cabral, Sturle Dagsland,
Esc. de Música Rabo de Peixe

Black Mountain,
Julianna Barwick,
Suuns
by Belmont Bookings
& Le Guess Who?

15/19 março
são miguel,
açores
tremor-pdl.com

Logos for sponsors and partners at the bottom of the poster.

2017

Bonga, Beak>, Mão Morta, Yves Tumor, K-X-P, Jacco Gardner (live synth soundtrack), Circuit des Yeux, Camera, Drinks (Date Le Bon + Tim Presley), Norberto Lobo, Morbid Death, Gala Drop, Stone Dead, Flamingods, Ghost Hunt, Eartheater, Conjunto Corona, Coelho Radioactivo, Vive Les Cônes, Mr. Gallini, Volúpia das Cinzas, 3rd Method, Escola de Música de Rabo de Peixe, Filipe Furtado, We Sea, Manu Louis, DJ Fitz, Krake + Gabriel Ferrandini + Ricardo Reis, Valério, Fred Cabral, Swift Triigga, PMDS, Silicon Seeds, The Quiet Bottom, Favela Riscos, La Flama Blanca, Violet+Photonz, Varela, Black, DJ Milhafre, [...]

Ponta Delgada Açores/Azores
4-8 abr/apr
tremor-pdl.com

2018

20-24 Março 2018
São Miguel, Açores

www.tremor-pdl.com

TREMOR
Uma experiência musical no centro do vulcânico

TERÇA . 20 MARÇO

- 19h30 - Teatro Micaelense
 - Levantados do Chão, de Daniel Blaufuks + Banda Lira Sete Cidades
 - Banda Lira Sete Cidades
 - Rafael Carvalho + FLP
- 22h30 - Auditório Luís de Camões
 - Três Tristes Tigres
- 00h00 - Roca B
 - DJ Milhafre

QUARTA . 21 MARÇO

- 15h00 - Local Surpresa
 - Tremor Todo-o-Terrano: Tir na Gníd
- 18h00 - Local Surpresa
 - Tremor na Estufa: Concerto Surpresa
- 21h30 - Solar da Graça
 - Mykki Blanco
- 23h30 - Roca B
 - Rittin Glin
- 00h30 - Roca B
 - D. WattsRiot

QUINTA . 22 MARÇO

- 13h00 - Rec Hall Avenida
 - Fm Conversa com The Creative Independent, moderada por T. Cole Rachel, com vários artistas do festival
- 15h00 - Local Surpresa
 - Tremor Todo-o-Terrano: Tir na Gníd
- 18h00 - Teatro Ribeiragrândense
 - O Gíngio Sou EU + EsMúsica.RP
- 21h30 - Largo Gaspar Frutuoso
 - We Sea
- 22h00 - Arquipélago - Sala de Vídeo
 - Projeção do filme Levantados do Chão, de Daniel Blaufuks + Banda Lira Sete Cidades (em loop)
- 22h00 - Arquipélago - Serviço Educativo
 - Júlio Gabriel
- 22h30 - Arquipélago - Cave I
 - José Valente
- 22h50 - Arquipélago - Cave II
 - Palsiel
- 23h00 - Arquipélago - Black Box
 - Rishu Devi
- 23h40 - Arquipélago - Cave II
 - Palsiel + José Valente
- 00h20 - Teatro Ribeiragrândense
 - Snapped Ankles
 - Voyagers
 - Bleid
- 13h00 - Local Surpresa
 - Tremor Todo-o-Terrano: Tir na Gníd
- 18h00 - Galeria Fonseca Macedo
 - O Narcisismo das Pequenas Diferenças, de Pauliana Valente Pimentel (inauguração)
- 20h00 - Local Surpresa
 - Tremor na Estufa: Concerto Surpresa
- 23h00 - Alenu Comercial de Ponta Delgada
 - Sherz Mag
- 00h00 - Roca B
 - The Mauskovic Dance Band
 - Victor Torpeda Karaoke

SEXTA . 23 MARÇO

- 12h00 - Next Hotel Avenida
 - Fm Conversa com The Creative Independent, moderada por T. Cole Rachel, com vários artistas do festival
- 16h00 - Local Surpresa
 - Tremor na Estufa: Concerto Surpresa
- 21h00 - Teatro Ribeiragrândense
 - O Gíngio Sou EU + EsMúsica.RP
- 21h30 - Largo Gaspar Frutuoso
 - We Sea
- 22h00 - Arquipélago - Sala de Vídeo
 - Projeção do filme Levantados do Chão, de Daniel Blaufuks + Banda Lira Sete Cidades (em loop)
- 22h00 - Arquipélago - Serviço Educativo
 - Júlio Gabriel
- 22h30 - Arquipélago - Cave I
 - José Valente
- 22h50 - Arquipélago - Cave II
 - Palsiel
- 23h00 - Arquipélago - Black Box
 - Rishu Devi
- 23h40 - Arquipélago - Cave II
 - Palsiel + José Valente
- 00h20 - Teatro Ribeiragrândense
 - Snapped Ankles
 - Voyagers
 - Bleid

SÁBADO . 24 MARÇO

- 14h00 - Academia das Artes
 - Min-Tremor: Rockstar, de PFL
 - Mini-Tremor: Improvadu, de André Melo e Mário Moniz
- 16h00 - Lendrina
 - Goldshake
- 16h15 - A Tazoa
 - Fugitivo
- 17h00 - Auditório Luís de Camões
 - Som Sim Zero, de omdomarela + RSISM + convidados
- 17h30 - Roiz Bar
 - Zulu Zulu
- 18h00 - Igreja do Colégio
 - Mal Devida
- 18h15 - Out of the Blue Hostel
 - Gorgalo
- 18h30 - Alenu Comercial de Ponta Delgada
 - Lima
- 19h00 - Solar da Graça
 - The Parkinsons
- 19h30 - Auditório Luís de Camões
 - Baby Dee
- 20h30 - Alenu Comercial de Ponta Delgada
 - Mdou Moctar
- 21h30 - Galeria Micaelense
 - Dead Coribó
- 22h15 - Lava Jazz Bar
 - Live Jazz Quinteto
- 22h30 - Garagem Antiga Varela (Rua de Lisboa)
 - Ermo
- 23h00 - Galeria Micaelense
 - Boogorins

[mudança de hora]

- 01h00 - Garagem Antiga Varela (Rua de Lisboa)
 - Rias Rias
- 02h30 - Roca B
 - Lena Toxidermist
 - La Flama Blanca

2019

tremor-pdl
.com

BILHETES/TICKETS:
40€ até until 30 Mar. 2019,
depois after 45€. à venda On
sale: bol.pt, Fnac, Worten, OTT
pontos aderentes partner stores.



→Bulimundo →Colin Stetson →Moon Duo →Lafawndah
→Jacco Gardner →Grails →Haley Heynderickx →CZN
→Lula Pena →Pop Dell'Arte →Cave →The Sunflowers
→Ondamarela + Escola de Musica de Rabo de Peixe
+ R5ISM →Trans Van Santos →ZA! + Despensas de
Rabo de Peixe + Rubén Monfort →Pedro Lucas +
We Sea →dB + Balada Brassado →Cristóvão Ferreira
+ Tupperware →Diogo Lima + LBC

↑ Açores
Azores →

R E

← São -
Miguel →

M Q R

← 7-13 +
Abr./Apr.

Proposta gráfica para TREMOR 2021

A proposta gráfica para o festival e 2021 será atualização da proposta de 2020

4 ABR. → (PDL)

1
MAR.
13

Márcio Raposo (FV Cactus Sessions),
Milhafre & Gaivota



Warmduscher, Push 1
stop & Wiklow, Samuel
Martins Coelho

2020 TREMOR

tremor-pdl.com
bilhetes: 50€ (-25/02) 60€ (-01/03), à venda em 1501.pt
(* pontos aderentes) e La Bamba Bazar Store (PDL)

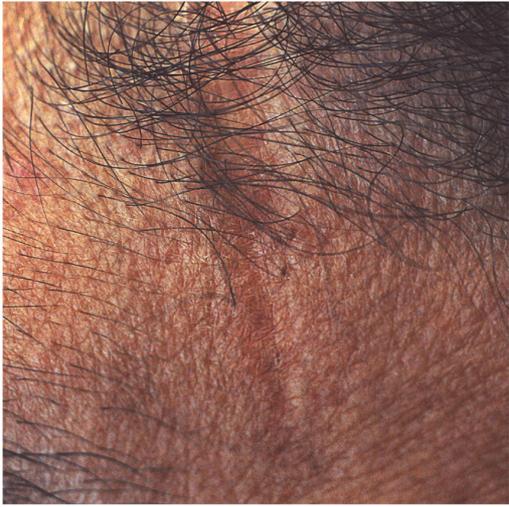
TREMOR

TREMOR 2020



31 MARR. - 4

Ferro Gaita, GIO,
Goldfish E Good in
Da/Hood E HUNTZ HUNTZ



33 EMMYBW, Anna Meredith,
DJ Fitz

TREMOR

tremor-pdl.com
bilhetes: 50€ [-43/02] 40€ [-01/03], à venda em pdl.pt
(* pontos de vendas) e Lo Bambas Bazar Store (PDL)

MARR. - 4



31 MARR. - 4

TRE
MOR
2021



31 MAR.



4
FEBR.

EEEMYBW, Anna Meredith, DJ Fitz, Ferro Gaita,
GIO, Goldfish & Good in Da'Hood & Huntz Huntz,
Gonzo, Instituto Fonográfico Tropical, Ko Shin,
Moon , La Flama Blanca , Luis Gil Bettencourt



(PDL)

Mário Raposo (RV Cactus Sessões),
Milhafre & Gaivota, Push 1 stop
& Wiklow, Samuel Martins Coelho,
Warmduscher

TREMOR

tremor-pdl.com
Bilhetes: 50€ [-29/02] 60€ [->01/03], à venda em Bol.pt
(+ pontos aderentes) e La Bamba Bazar Store (PDL)

Exemplos de aplicação da marca em merchandising





Planos financeiros - Geral

DESPESAS (valores com IVA)	
Artistas - Cachets	€37 869,01
Viagens	€38 133,72
Staff	€11 297,28
Serviços	€72 604,89
Comunicação	€10 077,30
Produção	€12 971,23
SUB TOTAL	€182 953,43

ENTRADAS (valores com IVA)	
Bilheteira	€36 524,31
Patrocínios	€26 319,00
Apoios	€158 041,88
Bares/Concessões	€24 652,33
Outros	€1 599,20
SUB TOTAL	€247 136,72

Planos financeiros - Artistas

Nome	Valor S/ IVA	Valor C/ IVA
Artista 1		€3 051,40
Artista 2		€290,45
Artista 3		€2 000,00
Artista 4		€260,00
Artista 5	€867,20	
Artista 6	€400,00	
Artista 7	€490,00	
Artista 8	€460,00	
Artista 9	€1 380,00	
Artista 10	€780,00	
Artista 11	€200,00	
Artista 12	€1 250,00	
Artista 13	€616,19	
Artista 14	€700,00	
Artista 15	€200,00	
Artista 16		€118,00
Artista 17	€600,00	
Artista 18	€700,00	
Artista 19		€826,00
Artista 20	€700,00	
Artista 21	€400,00	
Artista 22	€400,00	
Artista 23	€575,00	
Artista 24	€1 300,00	
Artista 25	€400,00	
Artista 26	€1 000,00	
Artista 27	€118,00	
Artista 28	€200,00	

Artista 28	€800,00	
Artista 30	€600,00	
Artista 31	€200,00	
Artista 32	€700,00	
Artista 33	€600,00	
Artista 34	€800,00	
Artista 35	€2 000,00	
Artista 36	€650,00	
Artista 37	€3 150,61	
Artista 38	€1 300,00	
Artista 39	€3 086,16	
Artista 40	€500,00	
Artista 41	€0,00	
Artista 42	€300,00	
Artista 43	€1 000,00	
Artista 44	€550,00	
Artista 45	€100,00	
Artista 46		
Artista 47	€300,00	
Artista 48	€200,00	
Margem de erro	€750,00	
SUBTOTAL	€31 323,16	€6 545,85

Planos financeiros - Serviços

Descritivo	Valor S/ IVA	Valor C/ IVA
Aluguer de espaço 1		€4 720,00
Aluguer de espaço 2	€800,00	
Segurança Geral		2018.98€
Segurança Reforço 1	€2 169,00	
Segurança Reforço 2	€84,50	
Segurança Reforço 3	€10,00	
Segurança Reforço 4	€122,08	
Driver Ribeira Grande	€40,00	
Autocarro 1	€162,00	
Autocarro 2	€731,00	
Empresa de Som 1		€4 189,00
Empresa de Som 2		€3 245,00
Empresa de som 3		€1 740,50
Empresa de som 4	€2 225,00	€2 225,00
Empresa de som 5		€2 000,00
Empresa de som 6		€4 788,00
Aluguer de monitores 1		€118,00
Aluguer de backline 1		€3 988,40
Aluguer de backline 2		€2 041,66
Aluguer de som 7		€531,00
Manutenção site		€118,00
Domínio Site		€14,70
Guia IRS		€185,00
Guia Fiscal		€787,81
POS		€1 500,00
Bombeiros 1		€717,24
Bombeiros 2		€722,16
Bilhetes		€100,30
Livros de facturas		€106,20

Hotel Extra		€272,00
Hotel Extra 1	€45,01	
Hotel Extra 2	€95,00	
Polícia 1	€171,93	
Polícia 2	€123,34	
Transportes 1	€16,36	
Transportes 2	€162,68	
Transportes 3	€148,80	
Transportes 4	€14,40	
Transportes 5	€85,40	
Transportes 6	€161,92	
Transportes 7	€138,85	
Alojamento 1	€1 352,00	
Alojamento 2		€5 000,00
Alojamento 3		€2 224,00
Alojamento 4		€735,00
Alojamento 5		€835,00
Alojamento 6		€2 470,00
Alojamento 7		€3 689,00
Alojamento 8	€140,00	
Alojamento 9		€380,00
Apoio técnico	€305,00	
Tendas		€300,00
Backline 3	€1 650,00	
Serviços Manutenção		€533,36
Tendas 2		€1 180
Copos Lavagem		€974,07
Refeições 1		€1 117,50
Refeições 2		€4 146,00
Refeições 2		€165,07

Merch			€765,00
Valor de caixa			€177,45
Contabilidade			€708,00
Limpeza			€118,00
Aluguer de viaturas			€1 500,00
In ears		€240,00	€283,20
SUBTOTAL		€11 194,27	€61 410,62